

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Monalise Canalle

A PRODUÇÃO DE SENTIDO A NÍVEL VERBAL E  
NÃO VERBAL NA SÉRIE *GREY'S ANATOMY*.

Passo Fundo

2018

Monalise Canalle

A PRODUÇÃO DE SENTIDO A NÍVEL VERBAL E  
NÃO VERBAL NA SÉRIE *GREY'S ANATOMY*.

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação – FAC, da Universidade de Passo Fundo – UPF, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, sob orientação da Profa. Dr. Sônia Regina Schena Bertol.

Passo Fundo

2018

Não sei por onde começar e nem por quem, mas equeletei uma lógica em minha mente, vamos lá.

Primeiramente agradeço a Deus, sim a Deus, pois independente do que eu tenha passado na Faculdade e em Passo Fundo, sempre consegui dar a volta por cima e acho que em determinados momentos a fé foi quem me fez levantar e erguer a cabeça. Agradeço à minha avó Maria (*in memorian*) por rezar por mim todos os dias e por ser a melhor pessoa que já conheci em minha vida.

Meus pais, Inês e Quirino, por estarem sempre do meu lado e me apoiarem na escolha da Faculdade, sem questionar ou intervir negativamente fazendo com que meus sonhos se esvaíssem. Também meu irmão, Felipe, que mesmo longe, quando voltava para casa continuava sendo o mesmo, mas com um toque de saudade. À minha amiga/irmã Cíntia que sempre estava presente quando precisava, sempre tinha uma palavra de apoio e por ser quem é. Agradeço ao meu namorado Henrique por assinar a *Netflix* e deixar o *login* comigo, assim pude conhecer *Grey's Anatomy* e me apaixonar por esta série linda. Além disto, quero agradecer por todo apoio nestes anos de faculdade, muitas vezes, se não fosse por você eu sequer tentaria. Quero agradecer à minha amiga Luiza, afinal foi você que me indicou a série, agradeço do fundo do coração. Muito obrigada.

Um agradecimento especial à minha orientadora Professora Sônia Bertol, que sempre teve paciência e leu rápido todas as versões que enviei do TCC, e também por permitir que minha proposta de pesquisa se tornasse real. Por fim, agradeço à Professora Bibiana Friderichs por me apresentar à semiologia e por confiar na minha capacidade de fazer uma análise destas. A todos meu sincero MUITO OBRIGADA. Amo muito todos vocês!

## RESUMO

O presente estudo tem por objetivo analisar a produção de sentido a nível verbal e não verbal da série *Grey's Anatomy* para entender o modelo de medicina apresentado pela mídia. Para isto será utilizado o conceito base da Escola Francesa Barthesiana que é a Semiologia, ou a ciência que estuda os significados das coisas, bem como, algumas de suas categorias: discurso, poder, estereótipo, socioleto, cultura e comunicação da saúde. Cada vez mais séries televisivas estão sendo consumidas e por este motivo torna-se indispensável uma análise sobre toda e qualquer série que esteja com grande repercussão pelo mundo, isto para que possamos perceber a realidade representada pela mesma. Com o presente estudo foi possível notar que a série é movida por acontecimentos quase extraordinários na medicina, podendo, assim, nos levar a conclusão de que a realidade apresentada é fictícia. A forma como a medicina foi retratada é algo negativo, foi utilizado um modelo americano, com casos e atitudes extraordinárias, no sentido literal da palavra, que figuram a medicina de maneira vulgar e egocêntrica.

**Palavras-chave:** semiologia; discurso; série; linguagem verbal; linguagem não verbal.

## **ABSTRACT**

The present study aims to analyze the production of meaning on the verbal and non-verbal level of the Gray's Anatomy series to understand the model of medicine presented by the media. For this, the basic concept of the Barthesian French School, Semiology, or the science that studies the meanings of things will be used, as well as some of its categories: discourse, power, stereotype, socio-ethnicity, culture and health communication. More and more TV series are being consumed and for this reason it is essential to analyze any series that has a great repercussion for the world, so that we can perceive the reality represented by it. With the present study it was possible to notice that the series is moved by almost extraordinary events in medicine, being able, therefore, to lead us to the conclusion that the presented reality is fictitious. The way the medicine was portrayed is something negative, an American model was used, with cases and extraordinary attitudes, in the literal sense of the word, that medicine appears in a vulgar and egocentric way.

**Key-words:** semiology; discourse; series; verbal language; non-verbal language.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Curva de tensão.....	16
<b>Figura 2</b> – Letreiro utilizado para evidenciar as horas.....	31
<b>Figura 3</b> – Cristina Yang suturando uma banana.....	36
<b>Figura 4</b> – George O’malley em seu primeiro procedimento cirúrgico.....	37
<b>Figura 5</b> – Meredith trava em momento decisivo.....	39
<b>Figura 6</b> – Os pais de Katie desafiam Derek Shepherd.....	39
<b>Figura 7</b> - George O’malley pensa sobre sua carreira cirúrgica.....	42
<b>Figura 8</b> - As cores distintas dos uniformes.....	44
<b>Figura 9</b> - As toucas utilizadas na sala de cirurgia.....	44
<b>Figura 10</b> - Miranda Bailey debocha de sua interna.....	48

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Simplificação das categorias de análise.....	28
----------------------------------------------------------------	----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1 A CIÊNCIA QUE ESTUDA O SIGNIFICADO DAS COISAS: SEMIOLOGIA .....</b>	<b>11</b>
<b>1.1 Categorias de análise .....</b>	<b>14</b>
1.1.1 Discurso .....	14
1.1.1.1 Roteiro.....	15
1.1.2 Cultura .....	16
1.1.3 Comunicação da Saúde.....	17
1.1.3.1 Saúde.....	18
1.1.4 Estereótipo .....	19
1.1.5 Poder.....	19
1.1.6 Socioleto.....	20
<b>2 SÉRIE, UM FORMATO DO AUDIOVISUAL .....</b>	<b>23</b>
<b>3 METODOLOGIA DE ANÁLISE .....</b>	<b>28</b>
<b>3.1 Amostragem .....</b>	<b>29</b>
<b>4 A SEMIOLOGIA EM AÇÃO – ANÁLISE.....</b>	<b>30</b>
<b>4.1 O discurso trazido pelo Roteiro.....</b>	<b>30</b>
<b>4.2 A cultura que lhes define.....</b>	<b>33</b>
<b>4.3 Comunicação da Saúde.....</b>	<b>38</b>
<b>4.4 O rótulo daqueles que lidam com a vida.....</b>	<b>40</b>
<b>4.5 A cadeia de poderes da medicina.....</b>	<b>43</b>
<b>4.6 Os socioletos.....</b>	<b>46</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>53</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>56</b>



## INTRODUÇÃO

Atualmente é comum uma pessoa acompanhar uma, duas e até três séries em um mesmo período, e por este motivo torna-se de uma importância imensurável falar sobre tal assunto e analisar as realidades apresentadas por cada produto audiovisual (isto pelo fato de as séries ilustrarem uma ideia de sociedade imagética, futurística e longe da realidade na maioria das vezes), que tome grandes repercussões mundo a fora, afinal desde o século XIX as séries têm se tornado cada vez mais populares, expandindo, e muito, a área da comunicação.

A série a ser analisada é *Grey's Anatomy*. Criada por Shonda Rhimes em 2005, conta até então com 14 temporadas. Ao todo a série apresenta mais de 310 episódios, todos com duração média de 40 minutos. A admiração pela série é algo que vem de não muito tempo, foi mera curiosidade, e desde então percebeu-se a riqueza audiovisual e narrativa de tal produto.

O seriado é um drama médico norte-americano e envolve o telespectador através de sua história comovente que gira em torno da Dra. Meredith Grey, interpretada por Ellen Pompeo (filha de uma das principais cirurgiãs gerais que o fictício Hospital Seattle Grace, atualmente Grey Sloan Memorial Hospital, já teve) e seus colegas, Cristina Yang, Isobel Stevens, George O'Malley e Alex Karev. Cada um dos personagens citados tem sua história desenvolvida no decorrer da série, desde as dificuldades pelas quais passam no trabalho (residência, atendentes, staff) até suas vidas amorosas. O sucesso foi surpreendente e se repete no Brasil, onde a série é exibida no canal Sony em horário nobre.

A metodologia utilizada foi a bibliográfica e, posteriormente realizou-se uma análise semiológica, para que se possa responder ao seguinte problema de pesquisa: de que maneira a série *Grey's Anatomy* produz sentido em nível verbal e não verbal? O problema de pesquisa foi resolvido por meio da semiologia Barthesiana, pois com ela pode-se obter outra leitura do episódio trazendo à tona sentidos relevantes, isto pelo fato, de que esta ciência estuda significado às coisas fazendo com que uma cena, ou até mesmo um diálogo possa significar muito mais do que se parece, ou do que um telespectador possa entender.

A análise foi desenvolvida por meio de categorias, são elas: discurso, cultura, estereótipo, poder e socioleto. Além da Semiologia Barthesiana, também iremos incluir a categoria Comunicação da Saúde e a subcategoria Roteiro, pois acreditamos que estas darão um panorama ainda mais profundo do universo comunicativo em que a série se descortina. Cada uma nos leva a refletir sobre o que consumimos, o que absorvemos e o que somos

tencionados pelos signos a pensar devido à cultura em que estamos inseridos. Cabe ressaltar, também, que uma análise semiológica é algo particular, podendo trazer aspectos reconhecidos ou não por todos os telespectadores.

O principal objetivo deste estudo é, portanto, analisar a produção de sentido a nível verbal e não verbal na Série *Grey's Anatomy* para compreender o modelo de medicina apresentado pela mídia. Para alcançar esta meta é necessária uma série de fatores, denominados, objetivos específicos, são eles: assistir a série e identificar o discurso verbal e não verbal; estudar a ciência que estuda significado às coisas; estudar as categorias que servirão para que seja possível uma explicação de narrativa e discursos, incluindo aqui Comunicação da Saúde, e escolher um episódio para que se possa desenvolver o que foi proposto.

Para que tudo isto fique mais claro ao leitor, o primeiro capítulo traz uma explicação de o que é semiologia, segundo Barthes, desde seu surgimento, até sua aplicação na comunicação. Além disto, este primeiro capítulo é subdividido em seis partes, cada uma explicando as categorias escolhidas para a análise, são elas: discurso, cultura, comunicação da saúde, estereótipo, poder e socioleto. O segundo capítulo trata de audiovisual, mais especificamente sobre séries, desde a importância deste gênero até um apanhado sobre o objeto de estudo, a série *Grey's Anatomy*. O terceiro capítulo explica a metodologia que será utilizada para o presente estudo. Este também é subdividido, apresentando a amostragem escolhida pela autora, bem como, a justificativa da escolha feita. E, finalmente, realizamos a análise de nosso objeto de pesquisa, no quarto e último capítulo.

## CAPÍTULO 1

### A CIÊNCIA QUE ESTUDA O SIGNIFICADO DAS COISAS: SEMIOLOGIA

Neste capítulo serão apresentados e aprofundados os conceitos que são base do presente estudo e fundamentais para um melhor entendimento da análise a ser feita. A semiologia, ciência que analisa discursos, signos, significantes e significados, será a principal base teórica, sua linha conceitual será a Escola Francesa barthesiana.

A base deste estudo é a semiologia, ou, a ciência que estuda os significados. Muitas vezes a semiologia é confundida com a semiótica, o que não é algo preocupante já que ambos estudam significados, porém, existe sim uma diferença entre ambas. Barthes (2001) explica que a semiologia tem seu uso há muito tempo e que o mesmo está relacionado à medicina e à ação militar. Seus primeiros registros foram do século XVI, porém, em 1900 ainda era utilizado com o mesmo fim.

Para que exista um signo é preciso que exista também um significante e um significado. Barthes (1996) explica que na terminologia saussuriana estes são os dois componentes do signo.

*Signo, na verdade, insere-se numa série de termos afins e dissemelhantes, ao sabor dos autores: sinal, índice, ícone, alegoria, são os principais rivais do signo. [...] O signo é, pois, composto de um significante e um significado. O plano dos significantes constitui o plano de expressão e dos significados o plano de conteúdo. (BARTHES, 1996, p. 39-43).*

Barthes (1996) deixa claro que o significado não é apenas uma coisa, mas é uma representação psíquica que cada um tem sobre determinada coisa. Um exemplo disto é a palavra *boi*, logo a associamos ao animal, porém, o significado é a imagem psíquica que projetamos em nossa mente.

Quando falamos de significante, Barthes (1996, p.50) explica que “a natureza do significante sugere, de um modo geral, as mesmas observações que a do significado: é um puro *relatum*, não se pode separar sua definição da do significado”. Uma das diferenças entre significante e significado é que o primeiro serve como um mediador.

Para Ramos (2008, p.159), “a semiologia de Barthes possui características muito próprias. Transcende o território dos signos fazendo-o dialogar com a territorialidade da subjetividade e do social. Não os vê de forma linear, mas revestidos de um sentido dialético, através da importância da conotação”. Ao analisarmos a série *Grey's Anatomy*, buscaremos verificar como se manifesta este diálogo com a subjetividade e com o social.

Segundo Barthes (2001) a semiologia inserida na medicina tratava dos sinais das doenças. Diz também que a semiótica, no início do século XIX, aparecia muito em livros de Ambroise de Paré e mais tarde também em livros de medicina. Ressalta que a palavra semiótica, na época de Littré, tinha outro sentido e que este ia além do médico, podendo realocar tropas apenas com sinais, sem nenhuma palavra. Desde então a semiótica passou a ser uma ciência dos signos.

Por mais que a semiótica, antes mesmo da semiologia, fosse identificada como ciências humanas com estudo em significados, foi somente no século seguinte que o conhecido por “Pai da Semiótica”, John Locke elaborou a “doutrina dos signos”, a chamada *Semeiotiké*.

Em seu livro *Elementos da Semiologia* (1996), Barthes ressalta que a história da semiologia é curta e bastante rica. Na forma francesa nasceu há quase 30 anos quando retomou a postulação realizada por Saussure<sup>1</sup> em seu curso de Linguística Geral. Portanto, era uma ciência dos signos que pegava emprestado da linguística alguns de seus principais conceitos. Inicialmente a semiologia tinha duas tarefas: a primeira era esboçar a teoria geral da pesquisa semiológica e a segunda elaborar semióticas únicas e particulares.

Barthes (1996) explana que a semiologia de Saussure tem por objeto qualquer sistema de signos, independentemente de limites e substâncias. Podem ser imagens, gestos, sons, objetos... cada um destes, se não possuem linguagem, possuem um sistema de significação. Porém, além da progressão de Saussure, a semiologia está sendo investigada lentamente. Talvez pelo fato de a semiologia apenas ter se ocupado, até agora, de códigos de interesses irrisórios, como o código rodoviário. Parece que está cada vez mais complicado conceber um sistema de imagens ou objetos no qual os significados existam fora da linguagem.

Contudo, Barthes (1978), acredita que a semiologia seria o departamento da linguística. O autor deixa subentendido que o sistema semiológico está ligado à linguagem.

---

<sup>1</sup> Ferdinand Saussure foi o linguista que pela primeira vez utilizou o termo Semiologia como sendo a ciência geral dos signos, isto no século XX.

Ressalta que mesmo quando falamos de signos, precisamos utilizar signos, fazendo com que haja linguagem em todas as linguagens. Não importa se o texto é icônico ou sonoro, a forma com que se apresenta para o leitor é uma estrutura linguística, pois a partir da língua retiramos seus significados.

Um semiólogo tem duas tarefas básicas, comenta Barthes (1996): a primeira é a de que ele deve se preocupar com a formulação de conceitos e a segunda é que ele deve se ocupar com o desenvolvimento da pesquisa, pois esta é uma possibilidade de unir a prática e a teoria.

A ligação barthesiana com Saussure justifica-se a partir do momento em que a ciência dos signos permite, de certa forma, a possibilidade de se fazer uma crítica social a um ponto que se possa compreender a maneira com que a sociedade produz e mantém seus rótulos por meio da linguagem. O sentido em si é construído pelo próprio leitor, e a mesma pessoa pode ler o mesmo texto diversas vezes, cada vez significará algo diferente. Não porque seja complicado ler e identificar logo de cara todos os signos impregnados em um texto, mas pelo fato de a nossa bagagem social modificar-se a cada dia que passa, fazendo com que possamos identificar ou não certos signos imersos.

O objeto a ser analisado, permite ao telespectador novas emoções e compreensões a cada vez que é assistido. Reassistindo a série *Grey's Anatomy* é possível perceber detalhes, tanto na fala, quanto nas cenas que não foram percebidos logo de primeira. Este é um dos exemplos do que Saussure quer dizer quando afirma que o sentido é construído por quem recebe a mensagem.

A semiologia exige que estudamos relações entre as mais diversas formas simbólicas, bem como, os sistemas em que estas formas estão imersas, observando o modo com que refletem quando relacionadas ao poder e aos discursos utilizados no espaço social. Toda e qualquer linguagem fazem parte de um coletivo, uma cultura, uma sociedade, o que incapacita um indivíduo a criar ou a modificar qualquer linguagem existente. À medida em que nos apropriamos das linguagens já existentes, inconscientemente, vamos nos adaptando, submetendo-nos às suas regras.

Barthes (1978) classifica a Semiologia em Negativa e Ativa. A primeira é apofática, ela não nega o signo, mas nega que seja possível lhe associar um caráter a-histórico. A segunda é a que se refere às manifestações linguísticas existentes e ativas no cotidiano, ou seja, que estejam sendo utilizada.

## 1.1 Categorias de análise

O autor francês, divide a semiologia em categorias de análise. Estas são utilizadas para que se faça a leitura do significado. O presente estudo utilizar-se-á das seguintes categorias para empreender a análise da formação de sentido em nível verbal e não verbal da série *Grey's Anatomy*: discurso, cultura, comunicação da saúde, estereótipo, poder e socioleto que estarão sendo explanadas no decorrer do trabalho.

### 1.1.1 Discurso

Barthes (1978) entende o discurso como um jogo dialético, onde as regras estão baseadas na organização, mobilidade dos signos e na estrutura. A cada combinação temporal e histórica se transformam em um tipo de fala, que representam a sociedade em questão, o que permite aos leitores um infinito de construções significativas.

Barthes afirma que uma sociedade estrutura algo real utilizando a linguagem, emitindo detalhes e signos que fazem com que se constitua um discurso, algo para que se compreenda melhor o mundo que está ali, que a cerca. Ao observar as formas com que esta discursividade se manifesta, pode-se perceber as ideias que cada sujeito tem relacionadas ao ambiente em que vivem, relacionadas a realidade de cada pessoa. Então, segundo Barthes, o poder sempre está presente em qualquer discurso.

Para Barthes, o discurso é uma categoria de seu estudo, esta discursividade é atravessada por outras tantas categorias, podendo perceber relação com o que os autores anteriores disseram, uma das categorias é o poder, também estereótipos, mitos e socioletos. O que acontece é que os elementos da cultura estão presentes em tudo o que fizemos, por isto Barthes (1981) explica que não existe um não discurso.

Complementando Barthes, Fairclough (1992) explica que discurso é uma forma de como agir socialmente, afinal, precisamos dele para nos comunicarmos com outras pessoas. Diz ainda que o discurso é uma maneira de agir, pois é a forma com que as pessoas agem com relação ao mundo e também, com relação a outras pessoas.

Ainda segundo Fairclough (1992, p. 64), “existe uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, havendo, portanto, uma relação entre a prática social e a estrutura social, em que a segunda é tanto uma condição para a primeira quando um efeito dela”. O discurso é a base da estrutura social, pois além de representar convenções, ele molda, constitui e

restringe estas convenções, o que faz com que as relações sociais, bem como, o mundo, adquiram significado.

Foucault (1996, p. 9-10), em seu livro *A Ordem do Discurso* reflete:

suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seu poderes e perigos, dominar seu conhecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. [...] Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso [...] não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que [...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.

Ou seja, o discurso e o poder estão ligados de uma forma que torna quase impossível separá-los. Cada discurso que produzimos e até mesmo os que acessamos são constituídos por nossa bagagem cultural, pelas ligações que estabelecemos, pelas pessoas com quem convivemos, pelos cenários do nosso dia a dia, por este motivo cada sociedade tem seu próprio discurso e cultura, pois um leva ao outro.

#### 1.1.1.1 Roteiro

O roteiro é uma história, ele pode contar a história de um personagem, um grupo deles e até mesmo sobre lugares. Existem diversas formas de roteiro, inclusive um não-roteiro – muitas vezes documentários tem um não-roteiro -. Em uma série existem diversas formas de “esqueleto” o que irá ser feito, dito e mostrado, pode ser com um roteiro para a série, um por temporada e até mesmo um por episódio, e é neste último que vamos nos concentrar.

Syd Field (2001, p.12) explica que:

Todos os roteiros cumprem essa premissa básica. A pessoa é o personagem, e viver sua coisa é a ação. Se o roteiro é uma história contada em imagens, então o que todas as histórias têm em comum? Um início, um meio e um fim, ainda que nem sempre nessa ordem. Se colocássemos um roteiro na parede como uma pintura e olhássemos para ele, ele se pareceria com um diagrama [...]. Esta estrutura linear básica é a forma do roteiro; ela sustenta todos os elementos do enredo no lugar.

Field (2001) deixa claro que uma estrutura serve para organizar e agrupar os elementos de uma narrativa. Ele faz uma comparação entre a história e um jogo de Xadrez.

Explica que o jogo em si é o todo, e que este todo é composto por quatro partes: as peças, o jogador ou jogadores, o tabuleiro e as regras. “É o relacionamento entre as partes e o todo que determina o jogo” (2001, p.12). Já a história é considerada um todo, e suas partes são os personagens, a ação, as cenas, sequências, Atos, episódios, incidentes, músicas, locações, entre outros. “É o relacionamento entre estas partes que unifica o roteiro, o todo”, (2001, p.12).

Resumidamente, um roteiro desenhado ficaria da seguinte forma:

**Figura 1:** Curva de tensão



**Fonte:** Divulgação

Todo roteiro basicamente é representado pela chamada “curva narrativa”, ou “curva de tensão”. Esta curva tem um início da história, da trama; mais adiante inicia-se uma complicação; esta complicação leva ao ponto alto da produção audiovisual que é o clímax; após este ápice há um relaxamento, pois as coisas voltam a dar certo, tudo começa a se ajeitar; e por fim, há uma conclusão. Porém, esta curva não é um padrão, ao longo da narrativa existem muitos pontos de virada, ou seja, acontecimentos que mudam o foco da história. Além disto, o caminho pode ser inverso, por exemplo.

Existem diversas maneiras de esqueletar uma narrativa, a mais comum é a apresentada acima. O episódio a ser analisado se encaixa com esta curva, pois, apesar de trazer uma história que necessita de continuação, ele cumpre seu papel de apresentar a nós as primeiras 48 horas de plantão dos residentes



### 1.1.2 Cultura

A cultura é o que nos define, o jeito como falamos, a forma como nos vestimos, do que nos alimentamos, o que ouvimos, lemos e tudo o que nos é ensinado. Tudo isto é a nossa bagagem cultural, nosso contexto histórico, e ela influencia nossa forma de ver o mundo, os fatos e inclusive, um discurso. Barthes (1975, p.84) a define da seguinte maneira: “é a Cultura, o conjunto infinito das leituras, das conversas – ainda que sob a forma de fragmentos prematuros e mal compreendidos —, em resumo, o intertexto, que faz pressão sobre um trabalho e bate à porta, para entrar [...]”.

Barthes (1981) explica que nossa cultura é constituída por diversos discursos e contextos históricos que nos atravessam durante a vida, que temos contato. O que acontece é que tudo o que vivemos e a forma com que vivemos é uma questão de significação, a maneira como entendemos as coisas. O semiólogo diz ainda (1981, p.159) que “não podemos passar para o não discurso porque o não discurso não existe”.

### 1.1.3 Comunicação da Saúde

Muitos conceitos existem sobre o que é comunicação, comunicar-se é uma habilidade essencial, pois permite a compreensão e a expressão assertiva. Santaella e Nöth (2004) entendem a comunicação como um campo do saber relativamente autônomo. Ao longo dos séculos as teorias e métodos de comunicar se tornaram cada vez mais numerosos. Para eles a comunicação surgiu tanto da academia, quanto do mercado, mas sempre foi mais prática do que teórica.

Marques de Melo (1975, p.14) explica que “comunicação vem do latim ‘communis’, comum. O que introduz a idéia de comunhão, comunidade”. Para ele a comunicação é um processo de transmissão e recuperação de informações, porém, deixa claro que cada análise do fenômeno comunicativo tem sua própria visão do assunto, pois cada pessoa tem uma bagagem cultural diferente uma da outra.

Uma das tantas interfaces da comunicação é a saúde, esta área da comunicação científica está em crescente avanço, devido, inclusive, ao avanço das tecnologias. Bertol (2012) fala sobre a importância e a emergência deste campo da comunicação. Ainda, segundo ela, diversas organizações, instituições, Universidades, publicações voltadas à área, dentre outros órgãos e formas de expandir o conhecimento, demonstram um grande interesse em como tudo funciona, quais as principais estratégias utilizadas e de que forma se pode impulsionar ainda mais tal conhecimento.

Alcalay, (apud Bertol, 2012) explica que a importância da comunicação da saúde é clara, pois existe uma grande lacuna entre os avanços da medicina e a aplicação dos mesmos para o público. Diz ainda que os profissionais da saúde aprendem o procedimento sobre doenças e enfermidades, mas não aprender a forma de comunica-los à sociedade, e todas as informações, segundo ele, são vitais.

#### 1.1.3.1 Saúde

Saúde não representa a mesma situação para todas as pessoas, por conta da sociedade onde estão inseridas, economia e cultura. Por este motivo já foram criadas diversas definições para o assunto. A Organização Mundial da Saúde (OMS), definiu saúde, em 1995, como “estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença”.

Em 1998, no Brasil, foi criada uma definição de saúde que foi inclusa à Constituição Brasileira, porém, com o surgimento do Sistema Único de Saúde (SUS) a Lei 8.080/90 foi promulgada, criando, assim, um novo conceito:

Art. 2. A saúde é um direito fundamental do ser humano que deve ser garantida pelo Estado por meio da formulação e execução de políticas que reduzam o risco de doenças e que assegurem acesso universal e igualitário aos serviços de saúde. (BRASIL, 1990).

Percebe-se que há um entendimento de saúde muito mais bonito na teoria do que na prática por parte das leis. Na série *Grey's Anatomy* é nítida a diferença de definições de saúde, devido à cultura e à crença, assim como dito anteriormente. Tanto que em determinados casos é preciso recorrer às leis para a segurança dos pacientes.

Para que o assunto saúde possa ser mais aprofundado cabe explicar a Teoria do Aprendizado Social de Albert Bandura.

O aprendizado seria excessivamente trabalhoso, para não mencionar perigoso, se as pessoas dependessem somente dos efeitos de suas próprias ações para informá-las sobre o que fazer. Por sorte, a maior parte do comportamento humano é aprendido pela observação através da modelagem. Pela observação dos outros, uma pessoa forma uma idéia de como novos comportamentos são executados e, em ocasiões posteriores, esta informação codificada serve como um guia para a ação. (BANDURA, 1977, p.22).

Segundo ele é muito comum as pessoas aprenderem apenas observando, para Bandura este processo é vital para a sobrevivência do ser humano, afinal, não fosse pela observação muitas práticas não seriam passadas de geração a geração. Bandura (1977) destaca três

maneiras de aprendizagem por observação: a) por meio de reforço indireto como recompensa ou punição; b) expectativa de ser reforçado pelo domínio; c) identificação com o modelo ou *status* admirado.

Segundo a Teoria do Aprendizado Social, todos os seres humanos nascem “puros” e adotam comportamentos a partir da observação e da convivência, mas sua capacidade cognitiva, com o passar do tempo vai lapidando este ser.

#### 1.1.4 Estereótipo

Segundo Roland Barthes (1978), em cada signo há também um estereótipo, e assim as análises buscam compreender como a sociedade os produz. Para ele (1984), o Estereótipo pode parecer uma ideia da verdade, todavia, pode ser apenas um discurso deformado e grave, pois imobiliza o sentido da fala:

[...] é a palavra repetida, fora de toda magia, de todo o entusiasmo, como se fosse natural, como se por milagre essa palavra que retorna fosse cada vez adequada a razões diferentes, como se imitar pudesse deixar de ser sentido como uma imitação: palavras sem-cerimônia, que pretende a consistência e ignora sua própria insistência (BARTHES, 1973, p.57).

Estereótipo é definido pelos rótulos que utiliza para classificar a sociedade, rótulos estes que são tão estigmatizados, que muitas vezes passam despercebidos, inclusive por quem os utiliza. Barthes (1978) diz que “em cada signo dorme este monstro: um estereótipo”, e que diversas vezes foram buscadas respostas sobre como a sociedade os produz.

Portanto, Barthes (1973) chega à conclusão de que um estereótipo é sim resultado da imposição de uma determinada ideologia imposta pela sociedade. Uma ideologia que se caracteriza pela repetição e cristalização do sentido literal. O sociólogo acredita ainda, que a mídia é a grande responsável por difundir e neutralizar estes estereótipos no mundo moderno.

#### 1.1.5 Poder

Barthes (1978) explica o poder como sendo algo plural no espaço social, pois é algo que se perpetua no tempo histórico. Diz ainda que o maior poder que temos é a linguagem e que isto existe desde que há humanidade, que a linguagem é como uma legislação e que a língua é o seu código. Porém, comenta que nem sempre vemos o poder que reside em nossa língua, pois toda língua é uma classificação e, segundo ele, toda classificação é opressiva.

Por este motivo podemos afirmar que o poder é instaurado por meio da língua, que representa a linguagem. É a língua que mantém tudo em ordem e faz a manutenção do poder,

faz com que repitamos e compartilhemos coisas até o momento que tudo pareça normal. Tudo isto pelo fato de precisarmos viver em sociedade, uma sociedade que tem sua cultura, sua estrutura e seus códigos.

Friderichs (2013) une a linguagem às relações que temos, pois, segundo ela, ambos são instrumentos de comunicação que tornam possível estabelecer a existência de um consenso das ideias de mundo e dos diferentes indivíduos que o habitam. Desta forma havendo uma ideia ou ideologia para ser questionada. Diz ainda que o poder sempre foi objeto de discussão, pois está presente em nosso dia-a-dia e isto não muda com o passar do tempo, pelo contrário, apenas se fortalece e atravessa gerações, o que faz com que o mesmo assuma estados distintos. Ele assume a capacidade de a elite impor seus projetos ao povo. Este é o poder em seu aspecto vertical, de cima para baixo.

Para Barthes (1978) o poder se compara à *libido dominandi*, pois transmite uma energia prazerosa, uma sensação que dá motivação para o homem viver. O autor ressalta que justamente por isto o poder não é restrito ao Estado ou a um grupo de pessoas, diz que cada um tem pode ter a sua linguagem, que será entendida em determinada perspectiva social, tais como: relações familiares, teatros e até mesmo o esporte.

“O poder é parasita de um organismo transsocial, ligado à história inteira do homem, e não somente à sua história política, histórica. Esse objeto em que se inscreve o poder, desde toda Antigüidade é: a linguagem, e, para ser mais preciso, sua expressão obrigatória: a Língua” (BARTHES, 1978, p.10-12).

#### 1.1.6 Socioleto

Podemos afirmar que o socioleto está diretamente ligado à linguagem, afinal é a identidade de um grupo social, a forma de falar é a organização de sentenças. Cada grupo tem o seu socioleto e isto não é diferente com os médicos, porém eles criam uma espécie de segunda forma de fala, a primeira entre seus pares, a segunda entre eles e seus pacientes. Barthes (1988) os socioletos surgem a partir do diálogo, como algo discursivo.

Barthes (1973) divide o socioleto em duas subcategorias: o Acrático e o Encrático. O primeiro encontra-se à sombra do poder, age por sujeição, exclusão, enquanto o segundo age por opressão e constitui-se pela Doxa.

O semiólogo especifica ainda mais sua divisão (1988, p.101):

[...] Nas sociedades atuais, a mais simples divisão de linguagens incide sobre a relação como Poder. Há linguagens, que se anunciam, se desenvolvem, se marcam na luz (ou na sombra) do Poder, dos seus múltiplos aparelhos estatais, institucionais, ideológicos, chamar-lhes-ei de linguagens ou discursos Encráticos. E, de outro lado, há linguagens, que se elaboram, se procuram, se armam fora do Poder e/ou contra ele, chamar-lhes-ei de linguagens ou discursos Acráticos [...]

O discurso Acrático, como dito anteriormente, é o que se encontra à sombra do poder, é assujeitado pelo discurso dominante, ou seja, é formado e elaborado por pessoas que não se encontram em condições favoráveis em determinado grupo ou local. É caracterizado por estar na marginal, e ser a Paradoxa. Para que este discurso seja ouvido e tenha uma chance de ascensão, é necessário que o mesmo passe por mudanças e adequações linguísticas, somente desta forma ele poderá ser entendido por quem encontra-se no poder. Este tipo de discurso tem sua vertente fora do poder, mas isto não significa que o mesmo seja contra quem encontra-se em tal posição.

Já o socioleto Encrático é a Doxa. Barthes (1988, p.118) a explica como sendo a “opinião corrente, geral, provável, mas não ‘verdadeira’, ‘científica’ [...], diremos que é a Doxa que é a mediação cultural (ou discursiva) através da qual o poder (ou o não-poder) fala”.

Friderichs (2013, p.4) explica que neste tipo de socioleto a linguagem é enunciada e desenvolvida através das relações entre os aparelhos estatais, ideológicos e institucionais. Além disto, ele é constituído a partir da Doxa e é submetido aos seus códigos, próprios de suas ideologias. “É um discurso difuso, disseminado, que impregna as trocas, os ritos sociais, os lazeres, e busca legitimar a fala das classes predominantes”.

Barthes (1973) esclarece que a linguagem encrática é uma linguagem de repetição, pois todas as instituições, incluindo escolas, o esporte, publicidades e obras de massa como a canção e a informação, repetem a mesma coisa em diferentes formatos. O que transforma esta em um estereótipo, uma ideologia.

Um exemplo de como isto acontece está explícito no artigo de Gonçalves (2003) que analisa os discursos feitos pelo ex-presidente da República Luís Inácio Lula da Silva no Parlatório e no Congresso. A análise deixa claro que o ex-presidente havia duas linguagens distintas, a primeira, a que se dirigia à população, no Parlatório, era de palavras fáceis, e de fácil entendimento, inclusive com expressões como “companheiros e companheiras”, para aproximar o povo de si.

Já a segunda era constituída de expressões e frases mais elaboradas, o texto em si, conforme a autora, era escrito por seus assessores, por este motivo, no Congresso, muitas vezes ele deixava recados subentendidos em seus discursos. Com este exemplo, pode-se perceber que há sim uma distinção entre o discurso que fazemos para nossos pares e o discurso feito para “leigos”. Assim como na série *Grey's Anatomy*, quando os médicos falam entre si, a linguagem é técnica e não há medo algum que aquele termo não tenha sido compreendido, já quando os médicos falam com os familiares de algum paciente, ou com o próprio paciente é evidente que há uma tentativa de esclarecimento.

## CAPÍTULO 2

### SÉRIE, UM FORMATO DO AUDIOVISUAL

O presente capítulo explicará melhor o conceito de audiovisual e série. Além disto, trará um breve histórico do objeto a ser analisado – a série *Grey's Anatomy*.

Atualmente o audiovisual é cada vez mais consumido, seja ele em filmes, novelas ou em séries. A linguagem audiovisual é composta pela natureza verbal, a sonora e de imagens, os sentidos mais privilegiados do homem, visão e audição, segundo Coutinho (2006). Ainda conforme ele, vive-se hoje em um mundo em que quase todas as pessoas entendem de audiovisual, conhecem, assistem ou produzem. Estamos em um mundo de imagens onde cada vez mais a este tipo de linguagem nos é familiar e faz parte do nosso dia-a-dia.

Côrtes (2003) afirma que a linguagem audiovisual vai construindo-se, transformando-se e aprimorando-se à medida em que novas maneiras de captar o som e a imagem são criados e/ou descobertos, fazendo com que esta linguagem permaneça sempre em desenvolvimento. Cada audiovisual tem seu formato e sua linguagem, e cada um deles esconde detalhes em suas narrativas, seja em filme, cinema ou até mesmo na televisão.

Costa (1995, p.7), no seu livro *O primeiro cinema: espetáculo, narração, domesticação*, afirma que

para o nosso olhar contemporâneo, a narratividade deles é precária, fugidia. Precisa ser retomada a todo momento, pois se desfaz em cada erro na manutenção dos eleitos ilusórios da ficção. Ao contrário do cinema narrativo posterior, em que o espectador sabe - se protegido pelo muro invisível dessa ficção, o primeiro exhibe numerosas descontinuidades.

Cada nova tecnologia permite que a narrativa/linguagem audiovisual vá se transformando, fazendo com que mais possibilidades de percepções sobre determinado assunto sejam possíveis. O audiovisual não é apenas lazer, existem profissionais, assim como em todas as áreas, que buscam se especializar para que as pessoas possam perceber o quão significativo é um trabalho deste gênero, afinal, existem diversos significantes e signos imersos em cada obra que passam batidos por quem assiste.

Em seu artigo, Puhl (2004, p.1) lembra que Barthes (1971)

levanta o aspecto de que são inumeráveis as narrativas no mundo. Segundo o autor, vivemos rodeados pelas narrativas, que podem ser encontradas no mito, na fábula, no conto, no romance, na pintura, no cinema, nas histórias em quadrinhos, etc. A narrativa está sempre presente em todos os tempos e lugares, ou seja, está entre os homens, não importando classe ou cultura.

Santaella (2007) explica que a linguagem não é apenas uma função de diálogo, que se dá através da fala, mas que também nos fornece padrões e códigos de comunicação e representação para que façamos uso dos mesmos. Pelo fato de nos comunicarmos e diversas vezes utilizarmos-nos de símbolos, somos seres de linguagem.

A partir do momento em que símbolos e signos vão surgindo no sistema, a linguagem audiovisual se torna híbrida, o que faz com que imerjamos em um universo de imagens mais técnicas. Machado (1997) explica que renomados autores do cinema, como Sadoul, Deslandes e Mannoni acreditam que o início do cinema foi antes de 1895.

Para eles o cinema se inicia com o teatro, desde Giovanni Della Porta (século XVI), da câmera obscura (século XVI), projeções criptológicas (século XVII), lanterna mágica de Christian Huygens, Robert Hooke, Johannes Zahn, Samuel Rhanaeus, Petrus Van Musschenbroek e Edme-Gilles Guyot (século XVII e XVIII), pantorama (século XVIII), phantasmagorie (em fins do século XVIII), e somente posterior a estes, a fotografia de Nicéphore Niépce e Louis Daguerre (século XIX), até chegarmos aos aparelhos que reuniram tudo dito acima: o Kinetoscópio de Thomas Edison (final do século XIX) e o Cinematógrafo dos irmãos Lumière (também do final do século XIX).

O surgimento do cinema foi um grande marco para o audiovisual. Ele está associado à invenção do cinematógrafo, como dito anteriormente. Este aparelho era capaz de capturar imagens em movimento. O cinema em si, ficou caracterizado por fotografias em sequência, que eram projetadas em uma velocidade de décimos de segundo, o que fazia com que ao invés de estáticas as imagens se complementassem dando a sensação de movimento. A primeira grande exibição pública, foi feita em 28 de dezembro de 1895 e se chamada *Entrée d'un train em gare de La Ciotat* – A chegada do trem na estação de Ciotat de Lumière.

Souza e Gamba (2003) afirmam que a linguagem quando está ligada a uma nova tecnologia, coloca o homem em situação de fascínio e risco, o que evidencia uma questão de ordem filosófica que precisa de uma postura crítica e prática. A prática traduz a maneira com que atualizamos e reafirmamos nossas condições de autores do processo e também para que não se perca a capacidade de encontrar respostas para os novos desafios.



Um dos produtos audiovisuais mais consumidos de todos os tempos são as séries. Cada vez mais as pessoas deixam de lado seus programas, novelas, filmes, para assistir à sua série predileta. Cada uma ter uma narrativa, uma história e diferentes personagens, e cada uma apresenta uma ideia de mundo às pessoas, fazendo com que as mesmas, muitas vezes, tomem esta realidade imagética, como uma realidade real. Por este motivo, estudar séries, se torna cada vez mais importante. Pode parecer que a narrativa não traga nada de novo, porém, sempre existem significados implícitos que não são compreendidos por quem os assiste.

Surgidas por volta do século XIX, as séries eram publicadas em pequenas partes, contando uma história, ou em capítulos que eram vendidos diariamente. O rádio e a TV adaptaram a linguagem e em pouco tempo ganharam todo o espaço. Porém, tudo iniciou com o folhetim. O folhetim segundo Carlos (2006) era uma narrativa em que os capítulos eram entregues aos leitores de jornais e revistas de forma seriada. Isto fez com que uma fórmula de consumo fosse consolidada pela sociedade industrial que estava sendo constituída naquele século (XIX). Os capítulos tinham um padrão, assim como os romances, porém se consolida à tenção e a atenção à medida em que os segredos do próximo capítulo eram entregues aos leitores.

Machado (2005), acredita que o modo seriado adotado pela TV surgiu ainda no cinema por volta de 1913, devido à grande mudança no mercado dos filmes. Uma delas era a necessidade de salões de cinema disponíveis para a exibição de longas-metragens, o que se tornava algo caro para a classe média. Por este motivo surgem os chamados *nickelodeons*, espaços em que as pessoas permaneciam em pé ou sentadas em bancos de madeira sem encosto, para que pudessem assistir aos filmes transmitidos de forma seriada, mas isto apenas para o público mais pobre. Com isto os filmes acabavam atendendo à duas demandas: nos salões de cinema com longa duração e nos *nickelodeons*, exibido em partes. Porém, de qualquer forma, nem o cinema e nem a TV criaram a forma de narrativa seriada, como dito anteriormente, ela iniciou com cartas, sermões e principalmente, com os folhetins.

A primeira série exibida na TV foi *Pinwright's Progress*, em 1946, num canal britânico. O seriado contou com 13 episódios que narravam a história de J. Pinwright, gerente de uma loja. Muitas fontes apontam *I Love Lucy* (1951) como a primeira série, porém, este apontamento não inclui os canais britânicos. Desta forma *Pinwright's Progress* foi a primeira. Rancho Alegre foi o primeiro seriado brasileiro estreado em 1950, apresentado por Chacrinha, ficou por 4 anos no ar. Em 1952 surge o Sítio do Pica Pau Amarelo. Outras séries que fizeram muito sucesso foram: *As aventuras de Superman* (1951), *As aventuras de Rin Tin Tin* (1954),

Perry Mason (1957), A feiticeira (1962), A família Addams (1964), Star Trek (1966), Batman (1966) e As Panteiras (1976).

A série em si é uma história de um ou um grupo de personagens que vivem aventuras e desafios a cada novo episódio. Pallottini (1998), explica que uma série pode ser estruturada de duas formas: com episódios independentes em que o telespectador não necessita de uma sequência para conseguir compreender a história, pois cada episódio se basta. Sydenstricker (2012) explica que uma série estruturada desta maneira serve para aquelas pessoas que não conseguem acompanhar toda a série, ou para quem a desconhece, mas que de alguma forma, tem conhecimento sobre o ritmo de uma dramaturgia seriada. Esta estrutura é mais comum em séries de comédias.

A segunda maneira exige uma fidelidade de seu telespectador, pois os episódios são sequenciais, ou seja, nem tudo é resolvido ou explicado em apenas um episódio. Desta forma, uma história pode levar dois episódios ou uma temporada para ser resolvida. Sydenstricker (2012) explica que esta estrutura é mais comum em séries dramáticas.

Souza (2004) ressalta que as séries estão presentes no mundo inteiro, devido ao caráter internacional. Ela serve para todos os tipos de público, pois seu conteúdo é variado. Seu formato é flexível podendo, inclusive, existir documentários com status de série, devido ao fato de abordarem um tema de forma segmentada. Gênero e formato podem se fundir com programas fazendo com que a própria série se torne um formato independente.

Como Souza (2004), Messa (2017) conceitua a série como categoria de entretenimento já que estas possuem semanalmente um episódio de 40 a 45 minutos, sem intervalo. Nas séries cada episódio exibido tem relação com o anterior, mesmo quando não há uma continuidade na história. A cada temporada diversos elementos novos são adicionados à trama, fazendo com que isto prenda a atenção de quem assiste. As séries podem ser dramáticas, cômicas ou até mesmo criminais.

Para o pesquisador Jost (2011), a serifilia está substituindo a cinefilia, embora sejam distintas, a serifilia se aprimorou em alguns traços, tais como: conhecimento das intrigas, das temporadas, comediantes, das carreiras, dos autores, das trajetórias e dos casos, isto tudo para a realização de seus projetos.

A série a ser analisada no presente estudo é mundialmente conhecida e atualmente conta com uma boa colocação no ranking das mais assistidas. *Grey's Anatomy* foi criada em

2005 por Shonda Rhimes e atualmente está em meio ao lançamento de novos episódios da 14ª temporada. Ao todo a série conta com mais de 310 episódio, que na maioria das vezes, são de 40 a 45 minutos cada um.

*Grey's Anatomy* é um drama médico norte-americano escrita e pensada em formato sequencial, ou seja, seus episódios não bastam por si só, eles precisam da fidelidade do telespectador para que possam ser entendidos dentro de um todo. Por mais que a cada episódio um novo caso, um novo paciente chega ao hospital é tratado, operado e liberado (isto quando não vai a óbito), a história central, a da Dra. Meredith Grey transpassa por todas as temporadas.

Além desta história central, podemos perceber que a vida de seus colegas de trabalho também é evidenciada, isto porque, grande parte das vezes interferem em sua própria vida. A série faz com que reflitamos sobre a idolatria aos médicos, afinal, em diversos episódios eles mesmos se questionam sobre “quem somos nós? Não somos deuses”. O drama deixa claro que apesar de tudo somos todos seres humanos, propícios ao erro e ao acerto.

## CAPÍTULO 3

### METODOLOGIA DE ANÁLISE

Neste capítulo dedicamo-nos a apresentar a metodologia utilizada para a realização da análise. Inicialmente realizou-se uma revisão bibliográfica importante para a fundamentação teórica e melhor explicação da teoria base que é a semiologia. Para Stumpf (2006) a revisão literária (ou fundamentação teórica) acompanha o trabalho desde a concepção até o ponto final da conclusão. Desde a identificação do problema de pesquisa, da escolha da metodologia, da análise de dados, até a consultas necessárias à literatura.

Para Gil (2002) uma pesquisa bibliográfica utiliza apenas publicações, tanto de livros, como periódicos. Diz ainda que a grande maioria das pesquisas realizadas tem uma parte que é bibliográfica.

Para a realização deste primeiro passo, buscou-se ler o máximo sobre os assuntos pertinentes ao projeto. Seguido a isto, damos o segundo passo onde escolhemos um episódio de toda a série para realizar uma análise.

Para a realização deste segundo passo será utilizada uma metodologia de análise semiológica, analisando a estrutura da série e a realidade por ela apresentada, bem como, as seguintes categorias (discurso, cultura, comunicação da saúde, estereótipo, poder e socioleto). A tabela a seguir traz uma simplificação de cada conceito para um melhor entendimento da metodologia utilizada:

**Quadro 1:** Simplificação das categorias de análise

CONCEITO	DEFINIÇÃO
DISCURSO	Tudo o que lemos, vemos, ouvimos; é considerado um jogo dialético.
CULTURA	É o que nos define, é composta por discursos e contextos históricos os quais temos acesso.

COMUNICAÇÃO DA SAÚDE	É uma das interfaces da comunicação que permite, neste caso, distinguir os tipos de linguagem utilizadas de médico para seus pares, e do médico para seus pacientes.
ESTEREÓTIPO	É definido pelos rótulos que utiliza para classificar a sociedade, uma imposição de determinada ideologia
PODER	Algo plural no espaço social, pois é algo que se perpetua no tempo histórico. O maior poder que temos é a linguagem, ela é como uma legislação e a língua é seu código.
SOCIOLETO	É a identidade de um grupo social, a forma de falar é a organização de sentenças.

**Fonte:** Criação da autora com base nas referências anteriormente citadas.

### 3.1 Amostragem

Este subcapítulo apresenta a amostragem, o corpus do presente estudo, o recorte, e/ou material de análise, bem como, a justificativa para a escolha feita.

Episódio um da primeira temporada – Longa noite, longo dia – *Long night, long day*. Este episódio foi escolhido pois mostra o início de tudo, tanto da série quanto da carreira profissional dos personagens. Este primeiro episódio apresenta cada personagem, bem como, o primeiro dia dos seus sete anos de residência.

Pode-se perceber no decorrer dos 43 minutos que as primeiras 48 horas de plantão é algo esperado pelos residentes, mas que a expectativa de entrar em uma cirurgia pode cegar a realidade de um plantão. Além disto, nota-se que plantões não faziam parte da rotina destes personagens, mostrando assim, que médicos também sentem cansaço e que sentem fisicamente e psicologicamente este esforço.

Posterior a isto, o episódio foi escolhido por trazer falas, expressões e diálogos bastante interessante para uma análise. Um exemplo disto é a frase dita por George O'malley à Meredith Grey em seu primeiro dia de residência: "meus pais falam para todo mundo que conhecem que o filho é cirurgião, como se isto fosse uma grande conquista. Eles me fazem parecer um super-herói. Se eles pudessem me ver agora". Apenas esta frase traz consigo uma história, tanto do personagem, quanto de seus pais e sua família.

## CAPÍTULO 4

### A SEMIOLOGIA EM AÇÃO – ANÁLISE

O presente capítulo visa colocar em prática tudo o que foi proposto anteriormente, analisando semiologicamente a nível verbal e não verbal os discursos da série *Grey's Anatomy*. O principal objetivo é analisar a produção de sentido a nível verbal e não verbal na Série *Grey's Anatomy* para compreender o modelo de medicina apresentado pela mídia em questão. Ressalta-se que todos os diálogos utilizados na análise foram retirados do primeiro episódio, da primeira temporada da série (Anexo 1, p. 56).

#### 4.1 O Discurso trazido pelo Roteiro

Como dito anteriormente, existem formas distintas de se construir um roteiro; um produto audiovisual pode ser pensado a partir de diversos exemplos. No caso em questão, existem várias opções: o roteiro da série, o da temporada e um de cada episódio. Para este estudo foi optado pela última opção (o roteiro do episódio), para realizar a análise proposta.

O episódio escolhido foi o primeiro da primeira temporada, denominado Longa noite, longo dia – *Long night, long day*. Inicialmente, cabe lembrar que cada episódio tem um objetivo principal intrínseco no seu roteiro, o deste é apresentar as primeiras 48 horas de plantão dos novos internos do Hospital *Seattle Grace*, e este objetivo é cumprido, então, pode-se concluir, que apesar de a série estar no início e ter muita história para ser contada, este roteiro tem um início, um meio e um final, cumprindo o seu papel.

Durante o episódio é possível visualizar, literalmente, quantas horas já se passaram do plantão, pois, o diretor optou por utilizar uma espécie de letreiro que aparece em pontos estratégicos (exemplo abaixo) e em determinados horários: na 1<sup>a</sup>, 7<sup>a</sup>, 19<sup>a</sup>, 24<sup>a</sup>, 40<sup>a</sup> e na 48<sup>a</sup> hora, deixando claro que o objetivo do episódio foi cumprido.

**Figura 2:** Letreiro utilizado para evidenciar as horas



**Fonte:** *Grey's Anatomy* (01x01)

Ao longo dos 43 minutos de episódio notam-se alguns pontos importantes, pontos que impactam no roteiro do episódio. O primeiro acontece próximo aos dez minutos iniciais, quando o Dr. Preston Burke, um dos Staffs, comunica que o interno escolhido para auxiliar em uma apendicectomia (procedimento cirúrgico que remove o apêndice), foi George O'Malley. Com esta informação George desestabiliza, errando em um dos procedimentos que devia fazer no paciente em questão. Após o erro, o interno passa a ser chamado de 007, que mais adiante descobrimos que significa “licença para matar”.

O segundo ponto acontece quando a interna Meredith Grey precisa procurar o Staff responsável pela sua paciente, Katie Bryce, e acaba descobrindo que ele é o homem que acordou em seu lado no início da manhã, Dr. Derek Shepherd. Ela tenta desviar o caminho, mas é vista e precisa deixar de lado toda a situação embaraçosa para salvar a paciente.

A partir daqui inicia-se a complicação do episódio e acontece aos 20 minutos da narrativa (percebe-se que este ponto se localiza na subida da curva de tensão, a partir daqui o que se espera é um clímax, uma resolução e um desfecho). Meredith havia recebido um chamado de emergência de sua paciente Katie, mas ao chegar no quarto percebe que ela está bem, apenas entediada. O chamado se repete e desta vez Meredith não corre como na primeira, para sua surpresa, ao chegar no quarto da garota ela se depara com a paciente tendo convulsões e em estado crítico. A princípio Grey fica em estado catatônico, não consegue agir, mas, percebe que sua intervenção é extremamente necessária, ao contrário perderá Katie. Após ter tudo sob controle, o staff aparece e a tira do quarto.

O terceiro ponto acontece quando o staff Derek Shepherd solicita uma reunião com todos os internos para apresentar um caso e pedir ajuda para solucioná-lo. Segundo ele, isto é algo raro, afinal cirurgiões não pedem ajuda aos seus inferiores. Para isto ele oferece uma “recompensa”, o interno que descobrir o que a paciente tem entrará com ele na cirurgia.

A partir daí, inicia-se uma corrida, movida, pela maioria, por interesses profissionais em participar de uma cirurgia de grande porte no primeiro dia de plantão e não pela vontade de fazer com que a paciente melhore. Um exemplo disto é a frase dita por Alex Karev enquanto falava com uma enfermeira sobre sua paciente: “Ela é velha, está jurássica, tem sorte de ainda respirar. Eu tenho uma chance de participar de uma cirurgia lá embaixo com uma paciente que não estava viva na Guerra Civil. Não me chame outra vez”. Ou também a fala de Cristina Yang “pode parecer egoísmo, mas eu queria muito esta cirurgia”.

O clímax acontece quando Meredith Grey e Cristina Yang percebem que talvez exista uma possibilidade de a paciente estar com um aneurisma cerebral e correm para comunicar o Dr. Shepherd. Os três esperam pelo resultado da tomografia cerebral e quando ele chega percebem que as internas estavam certas. Com isto o episódio começa a apresentar uma resolução aos problemas, e o caminho agora é curva abaixo.

Apesar de o episódio estar em um ponto onde as coisas começam a se resolver, ainda se trata de uma série médica, ou seja, existe mais de um paciente. O interno George O’Malley e o staff Preston Burke perdem um paciente, e George é quem tem que contar à viúva, pois, antes do procedimento ele prometeu à família um bom resultado. Ao comentar isto com seu superior, imediatamente recebe uma advertência e como castigo precisa ser o portador da informação. O interno que já estava desestabilizado por cometer um erro no procedimento anterior, agora, encontra-se questionando a si mesmo sobre a medicina.

Chegando ao fim do episódio tudo está finalizado, as 48 horas de plantão terminam, os pacientes foram tratados, com ou sem sucesso, Meredith realiza a cirurgia com o Dr. Derek e todos vão embora do hospital. Porém, por se tratar de uma série muita coisa fica em aberto e o final do episódio acaba sendo um quarto ponto. Meredith visita Ellis Grey, sua mãe e um ícone da medicina por criar o Método Grey, o que ninguém sabe é que a renomada cirurgiã está em uma casa de repouso com Alzheimer.

Pode-se perceber que ao longo deste episódio é criada, pelo roteiro, uma perceptiva da medicina um tanto contraditória e inesperada. Apesar de haver pacientes e seus casos serem resolvidos, as principais características abordadas são as relações pessoais entre os médicos, o



despreparo no início de carreira e o egoísmo de alguns médicos, quando se trata de salvar uma vida e favorecer a carreira.

Como dito anteriormente, esta realidade fictícia, diversas vezes é levada como real, neste caso acaba sendo algo ruim para os profissionais da saúde, pois traz uma visão limitada e arranjada sobre medicina. Por este motivo, torna-se de suma importância saber, ao iniciar uma nova série, que tudo é escrito por alguém e pensado, no caso de *Grey's Anatomy*, para ser o mais dramático possível.

A estrutura escolhida pelo diretor para o roteiro é padrão, como mostra a imagem da curva de tensão, por se tratar do primeiro episódio acontecem muitas coisas importantes, mas nenhum deles pode ser considerado um ponto de virada, apenas algo muito próximo. Não sair do padrão pode ser uma escolha feita para representar a medicina, por mais que já seja algo “batido”, é ainda algo que dá certo, é preciso que haja sempre atualização de assuntos e uma constante pesquisa de aprimoramento, mas o padrão sempre consegue dar conta do recado.

## **4.2 A cultura que lhes define**

A cultura, é o que nos define, Barthes (1981) já dizia que ela é constituída pelos diversos contextos históricos e discursos que cruzam nossa existência, nossa vida. Tudo o que vemos e ouvimos, depende de nossa bagagem para ser compreendido. Com base nestas afirmativas o primeiro episódio da série *Grey's Anatomy*, traz à tona uma cultura distinta para cada relacionamento apresentado, seja na questão do profissional, quanto da questão da profissão.

Quando analisamos semiologicamente a cultura na forma verbal, percebemos que logo no início do episódio quando Meredith acorda ao lado de um desconhecido, que mais tarde descobre ser seu superior, ela toma um susto por conta do horário. Ao longo do diálogo entre os dois ela fala a seguinte frase: “eu me atrasei e não é legal se atrasar logo no primeiro dia”. Com esta frase podemos perceber que de qualquer forma o atraso é algo negativo, mas além disto, nota-se que na ideia de Meredith, na cultura a qual ela está inserida, o atraso representa falta de interesse, algo inadmissível a um médico, por exemplo.

Mais adiante no episódio, quando o chefe do hospital Richard Webber apresenta o espaço aos novos internos ele faz o seguinte discurso: “[...] olhem ao redor, cumprimentem os

adversários. Oito de vocês vão mudar para uma especialização mais fácil, cinco não vão aguentar a pressão, dois vão ser convidados a se retirarem, este é o ponto de partida, esta é a sua arena. Como vão jogar, é com vocês”. Dentro da medicina é possível seguir diversas especialidades, mas pelo que se nota com o discurso do chefe, é possível, também, ter uma previsibilidade sobre as mesmas, ou seja, já se tornou algo cultural da profissão, tanto que já existem “dados” trazidos pelo chefe em seu discurso de boas-vindas.

Quando falamos de cultura da profissão, temos que ter em mente que a profissão é composta por diversos profissionais e que cada um tem sua bagagem, então, é possível e preciso notar esta diferença. Por exemplo, quando Cristina Yang e Meredith Grey estão no vestiário se trocando, Meredith faz a seguinte observação: “Seis mulheres num grupo de 20?”, nota-se um tom de surpresa e descontentamento, pois é possível compreender que ela se refere a um ambiente desigual, dominado pelo sexo masculino. Em resposta Cristina diz: “É, e soube que uma é modelo. Tenha dó, agora é que não respeitam a gente”, observa-se que a resposta dada pela interna à sua colega faz com que tenhamos certeza da possível leitura dita anteriormente. Porém, aqui, é preciso ressaltar que a bagagem cultural em questão é da interna, não da profissão, por ser mulher, asiática e médica, Cristina já deve ter passado por muitos momentos de preconceito, por este motivo traz isto em sua fala.

Ainda sobre cultura do profissional, podemos destacar o diálogo entre George O’Malley e Meredith Grey, quando ambos tiram um tempo para respirar e descansar um pouco do seu plantão. George desabafa: “Meus pais falam para todo mundo que conhecem que o filho é cirurgião, como se isto fosse uma grande conquista. Eles me fazem parecer um super-herói. Se eles pudessem me ver agora...”. Aqui é possível perceber algo que todo mundo algum dia já presenciou, ou já ouviu falar sobre, que é o orgulho do filho(a) médico(a). Apenas temos uma comprovação e afirmação de que isto realmente acontece, foi utilizada uma cultura mais disseminada neste aspecto. Porém, há também uma desvalorização própria por conta do personagem, isto também pode ser comum, mas, não é algo disseminado entre as massas. Pelo fato de o personagem, neste primeiro episódio, se sentir assim é possível fazer a seguinte reflexão, será que todos os médicos e cirurgiões tem uma noção clara do que a profissão representa para as pessoas? Ou simplesmente encaram a tratam como um trabalho a ser feito?

Ao contrário da família de George, fica evidente que a mãe de Meredith não a apoia. Já no primeiro episódio é possível ter esta informação, que ao longo da série apenas é reforçada. A comprovação de tal afirmação vem da resposta dada por Meredith a George:

“Quando falei para minha mãe que eu queria fazer medicina, ela tentou me desmotivar, disse que eu não teria peito para ser cirurgiã, que eu não conseguiria me formar, então acho que ser considerado um super-herói é tudo de bom”. Nossa sociedade sempre foi repleta de ideologias e culturas, por este motivo, percebe-se que aqui há um contraponto da cultura trazida anteriormente. Assim como há famílias que se orgulham de seus parentes por serem médicos/cirurgiões, há também aquelas que desmotivam tal escolha.

Um ponto importante a ser destacado é que a mãe de Grey, na série, é uma renomada cirurgiã, criadora de métodos inovadores, por este fato é possível fazer duas leituras: a primeira é que ela não apoia a filha por realmente achar que ela não seja capaz de se tornar uma cirurgiã, por saber tudo o que é necessário para que isto aconteça, e a segunda é que, por não gostar desta profissão não quer se sua filha siga seus passos, querendo poupá-la de tal “sofrimento”.

Ao mesmo tempo em que temos a cultura do profissional, temos também a cultura da profissão. Podemos identifica-la em trechos como o seguinte, dito pela Doutora Miranda Bailey: “Todos os exames de rotina: tomografia, hemograma, bioquímica, toxicológico. Cristina cuide dos exames”. O termo rotina deixa claro que já é algo de praxe e por se tratar disto faz parte da cultura da profissão. A medicina ensina a cuidar de pacientes, ensina como fazer isto e de que forma é possível tratar as enfermidades, esta ideia é mundial, é definição, ou seja, é cultural.

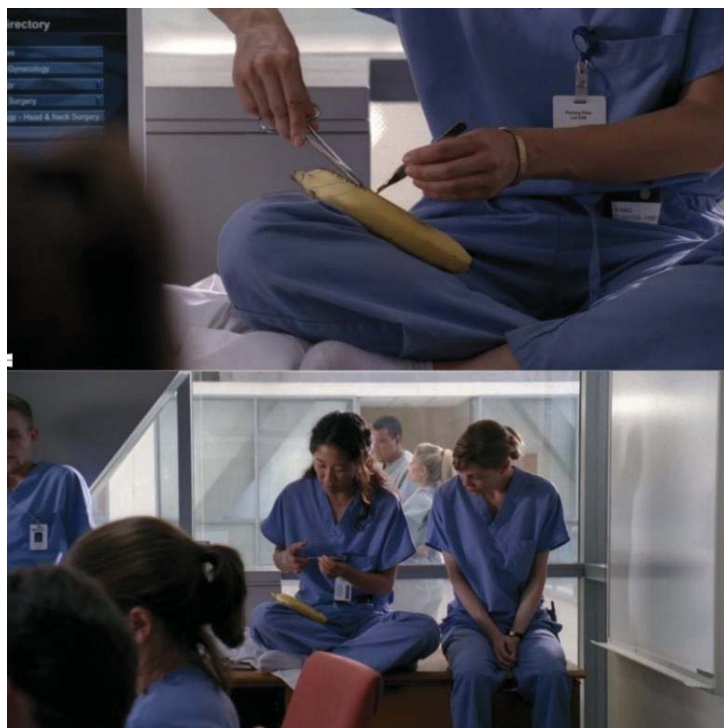
Outro momento em que podemos perceber a cultura da profissão posta em prática é quando os pais da paciente Katie Bryce buscam informações com o staff Derek Shepherd, mas ele não tem respostas satisfatórias: “Espera aí, nós viemos aqui porque este hospital tem a reputação de ser o melhor de Washington. É minha filha lá dentro, minha filha, e o senhor tem a audácia de vir aqui e me dizer ‘eu não sei?’”. Aqui nota-se claramente a relação médico/familiares, percebe-se que: 1- um hospital é procurado pr sua reputação e esta depende de como ele é avaliado pelas pessoas, porém a avaliação das pessoas depende da cultura em que estão inseridas, afinal, cada religião, por exemplo, tem suas particularidades. 2- O médico tratado como um ser superior, um Deus, alguém que não pode vir com respostas como “não sei”, afinal ele precisa saber de tudo. Isto demonstra claramente a visão que se tem dos médicos, fazendo com que retomemos a reflexão proposta anteriormente, será que os médicos têm a clara noção do que sua profissão significa? E 3- Quando se trata de familiares próximos a relação entre médico/paciente se torna algo abstrato, você pode, ou não saber o

que esperar de uma reação. Por se tratar da sua filha, a exigência deste pai é claramente muito maior do que se fosse a filha de outra pessoa, e isto também é algo cultural, a proteção.

Um terceiro exemplo que deixa clara a cultura da medicina é quando o staff Preston Burke xinga o interno George O'malley pelo fato de o mesmo ter prometido uma ótima cirurgia à família: “Como que você promete alguma coisa? Este caso era meu. Você me ouviu prometer? O único que mantém uma promessa dessas é Deus e eu não vejo ele de bisturi há muito tempo. Nunca prometa à família de um paciente um bom resultado”. Nota-se que este trecho fala por si só, existe uma clara “regra” de não promessas e isto foi definido, possivelmente, após diversas falhas, o que torna esta regra algo que define a medicina, algo cultural.

Quando analisamos semiologicamente a cultura em sua forma não-verbal notamos que há uma certa dificuldade em ilustrar a mesma. Porém, para que a análise seja completa foram escolhidas duas cenas. A montagem feita com duas cenas sequentes, representa a cultura do profissional, a segunda da profissão.

**Figura 3:** Cristina Yang suturando uma banana



**Fonte:** *Grey's Anatomy* (01x01)

Esta cena mostra uma das internas, Cristina Yang, suturando uma banana enquanto espera para saber qual seria a pauta da reunião de emergência solicitada por seu superior. Percebe-se que independente da ocasião ela quer manter-se na ativa, isto demonstra que ela esteve/está inserida em uma cultura que preza pelo conhecimento, pela prática. Seu comportamento é um reflexo de sua cultura, ela quer se aperfeiçoar como profissional e para isto ela pode aprender suturando uma banana, sem nenhum problema.

A segunda cena foi escolhida para ilustrar a cultura da medicina. Contextualizando, está sendo realizada uma apendicectomia, um procedimento simples, com auxílio de um interno. Nota-se que independente de série ou ilustração os médicos/cirurgiões sempre são representados da mesma maneira, ou seja, a forma cultural posta em evidência. Todos estão com roupas especiais, em uma sala com equipamentos e aparelhos distintos, com máscaras, temos também a presença de sangue e tudo num tom claro para passar a ideia de higiene e esterilização. Tudo isto é tido como fundamental e o fundamental nada mais é do que algo cultural.

**Figura 4:** George O'malley em seu primeiro procedimento cirúrgico



**Fonte:** *Grey's Anatomy* (01x01)

Portanto, é possível notar com muita clareza as formas como a cultura é retratada na série. Assim como Barthes (1981) explica, que tudo é fruto do que interpretamos e conhecemos, é nítida a presença da nossa bagagem histórica tanto para compreender estas pistas, como para compreender os personagens e o contexto em que estão inseridos.

### 4.3 Comunicação da saúde

Esta que é uma das interfaces da comunicação está presente na série *Grey's Anatomy*, como era esperado, aqui analisaremos a comunicação da saúde feita pelos médicos. Ao longo do episódio é possível perceber diversos exemplos desta categoria, porém, foram escolhidos alguns para facilitar o entendimento.

No primeiro episódio da série não fica tão nítida a comunicação da saúde entre médico e paciente, isto pelo fato de haver muito mais comunicação entre os médicos, mesmo assim nota-se que alguns termos utilizados são diferentes para descrever a mesma coisa, por exemplo quando Burke perde seu paciente e comunica O'malley: “o coração tinha muitos danos para tirar da máquina. Este eu perdi, acontece, raramente, mas acontece, é a pior parte de tudo”. E quando O'malley precisa comunicar à esposa do falecido: “Glória, houve complicações na cirurgia. O coração do Tony estava muito ruim, nós tentamos tirar ele da máquina, mas... não houve nada que nós pudéssemos fazer. Sinto muito”.

É possível perceber que há mais sensibilidade na fala do interno do que de seu superior, isto pois no primeiro exemplo o staff falava com seu par e o segundo era o oposto disto. Dentro de um hospital acontecem muitas coisas, e não há tempo para se ter um diálogo “não técnico” entre os médicos. A seguir teremos alguns exemplos de diálogos muito técnicos que ilustram a diferença entre as comunicações.

O primeiro exemplo é quando O'malley está se preparando para seu primeiro procedimento e repete cada passo a ser seguido diversas vezes para não esquecer do que fazer: “abrir, identificar, hemostasiar, remover, irrigar, fechar”. É possível perceber que como este linguajar já faz parte da vida dos internos eles falam consigo mesmos em termos científicos. O segundo exemplo é da mesma cena, quando o staff Burke acompanha o procedimento de seu interno e explica os próximos passos, mas acontece algo errado: “agora é só inserir o coto no ceco e ao mesmo tempo tracionar a sutura in bolsa, mas é melhor tomar cuidado viu para não partir ... você lacerou o ceco, tem uma hemorragia. Está enchendo de fezes o que vai fazer? Pense ... você parte para a aspiração e começa a refazer as suturas antes que o quadro se agrave” (Anexo 1, p.63). A série deixa claro que independente da facilidade de um procedimento, tudo depende da forma com que ele é realizado, por mais fácil que possa parecer ele traz riscos ao paciente, este é um exemplo da Teoria do Aprendizado Social. O telespectador consegue absorver este conhecimento apenas assistindo a série.

Foram escolhidas duas cenas, a primeira representa a comunicação entre médico e seus pares, a segunda entre médico e seus pacientes.

**Figura 5:** Meredith trava em momento decisivo



**Fonte:** *Grey's Anatomy* (01x01)

O diálogo desta cena é: “ela está com convulsões recorrentes, como quer proceder? Dr. Grey, está me ouvindo? Ela tomou diazepam e 2mg de lorazepam, eu acabei de dar a segunda dose. Dr.Grey, precisa nos dizer o que vai fazer”. Como é possível, inclusive, ler, Meredith está travada, sem reação, afinal em seu primeiro dia não esperava algo tão grave. Mas o mais importante é a comunicação entre o enfermeiro e a interna, pois ele lhe informa sobre tudo o que já fez para melhorar a situação, caso ele não tivesse dito isto Meredith precisaria ler o prontuário e o tempo que perderia fazendo isto ela poderia perder sua paciente. Além disto, é possível perceber que a Teoria do Aprendizado social está presente aqui também mostrando a importância da comunicação e dos enfermeiros em um hospital.

**Figura 6:** Os pais de Katie desafiam Derek Shepherd



**Fonte:** *Grey's Anatomy* (01x01)

Esta segunda cena é do staff Derek Sheperd comunicando aos pais da Katie que está estudando seu caso, mas que não sabe ao certo o que a filha do casal pode ter. Nota-se que o enquadramento utilizado deixa o médico em uma situação de aperto, ele foi colocado estrategicamente no canto, como se não houvesse saída e estivesse encurralado pelos pais da paciente. Observa-se também que o pai de Katie está com uma expressão não muito amigável, fazendo com que percebamos como algumas informações não são bem-vindas, apesar de necessárias.

Por fim, trazemos um último exemplo da comunicação entre os médicos. O chefe Richard Webber questiona os internos da sala onde estão sobre causas frequentes para febres pós-operatória e Meredith responde: “pulmonar, infecção urinária, infecções em geral, imobilidade ou anestesia. A mais comum é a pulmonar, derrame pleural ou pneumonia. Pneumonia é a primeira hipótese ainda mais quando se está ocupado para fazer exames”, logo após o chefe questiona o problema da paciente do quarto 4B e a interna lhe diz: “a quarta causa, imobilidade, acho que é ótima candidata para embolia pulmonar”, “E o tratamento?”, “tomografia, angiotomografia de tórax com suporte ventricular ventilatório heparilizado e filtro para a veia cava inferior”.

Como é possível perceber a comunicação técnica entre os médicos deixa claro, para eles, todo e qualquer procedimento a ser seguido, bem como, as possíveis causas das enfermidades de seus pacientes. Contudo é necessário que esta comunicação não seja fluente apenas para seus pares, afinal, os familiares também precisam saber o que aconteceu, para isto saber como comunicar é imprescindível.

#### **4.4 O rótulo daqueles que lidam com a vida**

Independentemente de profissão, sociedade ou ideologia, os estereótipos sempre estão presentes, isto é algo inegável. Na série *Grey's Anatomy* não é diferente, diversos estereótipos são utilizados e criados ao longo da narrativa, alguns deles podemos identificar, inclusive, desde o primeiro episódio.

Estes rótulos criados a partir de ideias e de culturas distintas, muitas vezes, não são bem recebidos, principalmente por quem é rotulado. A série traz consigo diversos, o primeiro que podemos notar é quando Cristina, em conversa com Meredith, diz que além de as mulheres serem em menor número (seis num grupo de 20), uma delas é modelo: “e soube que



uma é modelo, tenha dó, agora é que não respeitam a gente”. O fato de Izzie ter sido modelo não a torna menos médica, porém, para Cristina, isto é um problema, pois, para ela, Izzie faz com que todas as médicas sejam vistas como seres inferiores por serem mulheres.

Outro estereótipo que traz consigo uma mesma leitura de desprezo e inferioridade, vem à tona quando Meredith leva sua paciente até a sala de tomografia, porém por ser seu primeiro dia ela acaba de perdendo nos corredores do hospital e a paciente lhe diz: “[...] eu tropecei na fita e nunca fui tratada por alguém tão incompetente e ela era só enfermeira”. Existe um certo preconceito entre médicos e enfermeiros na série, então, chamar uma médica de enfermeira é um grande insulto, por saber disto, Katie fez exatamente isto, rotulou uma médica de “enfermeira”, para insultá-la e fazer com que Meredith se sentisse inferior.

Ao contrário destes estereótipos utilizados para menosprezar, existem também os que trazem uma responsabilidade enorme. Um exemplo disto foi quando o pai de Katie explicou ao staff DereK Shepherd que o “médico da família” disse que sua filha precisaria de uma cirurgia. O termo “médico da família” traz consigo um peso muito grande, é alguém que tem confiança total da família que atende, é o médico que não pode errar, pois confiam tanto nele que qualquer deslize pode acabar com sua carreira. Este é um dos estereótipos que colocam muita pressão sob quem os recebe.

O mesmo acontece com o “hospital que tem reputação de ser o melhor de Washington”, aqui percebe-se a mesma questão anterior, uma pressão absurda. Por um lado faz com que se tenha muito cuidado com o que se faz dentro do hospital, que se tenha atenção para que este estereótipo não seja destruído, por outro, mantê-lo ativo é complicado, trabalhoso e por vezes exige muito mais do que se possa imaginar. Afinal, as pessoas confiam a ele vidas.

Outros exemplos de estereótipos que trazem consigo muita responsabilidade são: “a mãe dela é Ellis Grey”, “ela é uma lenda viva”. Este diálogo acontece quando Cristina conta a seus colegas que Meredith é filha de Ellis Grey, porém, ao fazer isto, não percebe o tamanho da responsabilidade que depositou sob Meredith. “A mãe dela é Ellis Grey”, a forma como esta frase foi escrita, dizendo que “a mãe dela” e não que “ela é filha de” já conota um poder muito grande por parte da renomada cirurgiã, trazendo consigo um entendimento de que não importa quem é sua filha, o importante é ela. O exemplo a seguir, confirma esta ideia: “ela é uma lenda viva”, Cristina diz isto ao falar de Ellis Grey, a médica cuja sua admiração é

enorme. Ou seja, a pressão pelo fato de Meredith ser filha de uma lenda viva é muito grande, afinal, cada um se deus passos estão sendo cuidados.

Por fim, foram deixados estereótipos muito conhecidos da série, estereótipos que definem personagens, e que, inclusive, substituem seus nomes: “Nazista” e “007”. “Nazista” é a forma como a residente Miranda Bailey é conhecida, por seu gênio forte e por mandar em todo mundo. Seu apelido/estereótipo causa medo nas pessoas, principalmente em seus internos. Inicialmente, ela sequer sabe da existência deste apelido, mais adiante ela descobre, mas não dá tanta bola. O mais interessante disso tudo é que Miranda é negra, e chamar um negro de nazista é algo que não se vê todo dia.

007 foi o apelido/estereótipo dado ao interno George O’malley após errar um procedimento em sua primeira cirurgia. 007 significa licença para matar e isto é algo conhecido pelos médicos, com isto O’malley acaba se sentindo inferior a todos e fica preocupado com sua carreira na medicina.

A cena a seguir mostra exatamente como George se sente no seu primeiro dia, existem momentos e momentos, mas depois de ser rotulado como 007 sua confiança é abalada. Aqui, ele conversa com Meredith sobre outras opções de profissão que ambos poderiam ter escolhido para seguir.

**Figura 7:** George O’malley pensa sobre sua carreira cirúrgica



**Fonte:** *Grey's Anatomy* (01x01)

Se analisarmos a cena percebemos que o colocar no meio do enquadramento significa um sentimento de estar perdido e não saber para que lado ir, que é exatamente o sentimento

do personagem neste momento. Contudo, é importante ressaltar que rótulos na maioria das vezes não deixam as pessoas felizes ou confiantes, e sim o oposto disto.

#### 4.5 A cadeia de poderes da medicina

Quando falamos em poder subentende-se que o mesmo é mantido por alguém, ou por um grupo de pessoas, e isto acontece na série analisada, porém, de formas distintas. Existe o poder da medicina e seus profissionais e existe também o poder de profissionais um sobre os outros. Relembramos Barthes (1978) quando fala que a linguagem é o maior poder que temos, que a linguagem é como uma legislação e a língua é o seu código e ressaltamos, por exemplo, que quando se trata de medicina, a palavra do médico é a que vale, na maioria das vezes.

Ao longo do episódio podemos analisar a forma distinta como o poder aparece, sendo ele deixado em evidência, ou não. Uma das falas mais conhecidas de *Grey's Anatomy* é o discurso feito pela residente Miranda Bailey aos novos internos: “eu tenho cinco regras, decorem logo: regra número um, não adianta me bajular, eu já odeio vocês e nada vai mudar isto; prontuários, listas de telefones, bipes, as enfermeiras vão ligar e vocês vão atender a todos os chamados voando. Voar, esta é a regra número dois. Seu primeiro plantão começa agora e dura 48 horas. Vocês são internos, a ralé, ninguém, a base da cadeia alimentícia da cirurgia, fazem exames, anotam pedidos, trabalham até caírem na segunda noite e não reclamam. Sala dos plantonistas, onde os médicos repousam, durmam quando e onde puderem. O que me leva a regra número três, se eu estiver dormindo, não me acordem a menos que seu paciente esteja morrendo. Regra número quatro, é melhor o moribundo não estar morto quando eu chegar lá, pois além de terem matado alguém, vão ter me acordado sem motivo, me entenderam?”, “você disse que eram cinco regras e só deu quatro”, “regra número cinco, quando eu andar vocês me seguem” (Anexo 1, p.58).

Este conjunto de regras criado pela residente é algo que marca pelo fato de a mesma, como dito anteriormente na análise de estereótipos, ser conhecida como Nazista. Iniciemos pela primeira: não bajular. É perceptível o poder mantido pela médica apenas pela sua fala, o não bajular não significa apenas não puxar o saco, e sim não querer ouvir os novatos, tanto que ela deixa bem claro que já os odeia, mesmo sem os conhecer. Apresenta em sua fala um outro poder, que é o das enfermeiras, afinal elas vão chamar, e você vai correr para atender ao chamado.

Segunda: voar. Aqui Miranda aproveita para ressaltar a hierarquia que existe no hospital: “você são internos, a ralé, ninguém, a base da cadeia alimentícia da cirurgia, fazem exames, anotam pedidos, trabalham até caírem na segunda noite e não reclamam [...]”. Mais adiante descobrimos que a disposição da hierarquia do superior ao inferior é: Chefe de cirurgia > Staffs > Residentes > Internos. O mais interessante é que o cargo de residência é apenas um acima dos novatos, mas para Miranda isto não importa, afinal ela já os odeia. Nota-se aqui um poder criado pela personagem muito maior do que ela realmente tem.

**Figura 8:** As cores distintas dos uniformes



**Fonte:** *Grey's Anatomy* (01x01)

A cena acima mostra que os uniformes utilizados pelos residentes e internos são da mesma cor, os colocando, de certa forma, em um mesmo patamar, diferente do Staff Preston Burke, que veste um uniforme com um tom de azul mais escuro. Nota-se que o poder ilustrado na série se encontra nos pequenos detalhes.

**Figura 9:** As toucas utilizadas na sala de cirurgia



**Fonte:** *Grey's Anatomy* (01x01)

Na sala de cirurgia enquanto operam todos vestem o mesmo uniforme, com a mesma cor, porém, para identificar o cirurgião principal, ou o staff, basta olhas para as toucas usadas. Como pode-se observar a vestimenta também representa poder seja no uniforme com um tom de azul mais escuro, ou na touca usadas em uma operação.

Retomando às regras da residente. Terceira: não interromper o sono. A única exceção aqui é a vida de um paciente estar em risco, qualquer outra dúvida que seus internos tenham precisam dar um jeito sozinhos. A série apresenta o hospital, como um hospital escola, ou seja, Miranda é a professora destes novos alunos, o que faz com que percebamos quão inadequado é seu método de ensino. Ao longo da série é indiscutível a importância da personagem, porém, seu início foi marcado pelo seu ego, pelo poder que supostamente ela teria.

Quarta: morte x acordar em vão. A residente deixa claro que ao acordá-la é melhor seu paciente ter morrido do que ela acordar em vão. Percebe-se o poder mantido pela personagem pelo tamanho do absurdo dito pela mesma neste discurso. Afinal, aqui, é melhor termos alguém morto do que sono. Quinta e última: seguir seus passos. Chegamos na única regra adequada para uma “professora”, seguir seus passos. Com todas estas regras é possível notar o poder mantido pelos médicos dentro de um hospital, inclusive sobre seus pares, algo que não é pensado quando se precisa deste profissional.

Outro exemplo do poder exercido uns sobre os outros é o seguinte: “boa tarde internos, está no cartaz, mas eu quero comunicar pessoalmente. Como sabem a honra de auxiliar na primeira cirurgia é reservada ao interno que mais se destaca, já que estou no comando hoje sou eu que escolho: George O’malley”. Uma escolha destas representa, além de autoridade, poder para discernir dentre todos qual foi o que mais se destacou. Preston Burke é um staff, está bem acima dos internos e pode-se notar a diferença com que ele lida com os novatos, comparado à Miranda. Ambos têm poder, mas o utilizam de formas distintas.

Mais adiante no episódio percebe-se um outro tipo de poder, o dos internos sobre os enfermeiros. No diálogo a seguir, Alex Karev, um dos novos internos discute com uma enfermeira sobre seu diagnóstico, além de tudo, ofendendo a paciente em questão: “eu não sei, sou só um interno. Olha só, porque você não faz quatro anos de faculdade de medicina e depois me conta se o diagnóstico está certo? Está com dispneia, com febre, num pós-operatório, entre com antibióticos. Odeio enfermeiras [...]”. Aqui é possível destacar que o

poder em questão são os 4 anos de medicina, apenas por isto, Alex sente-se no poder de menosprezar a enfermeira que lhe auxilia.

Neste mesmo contexto, porém, mais adiante no episódio, o chefe Richard Webber questiona, como citado na análise de comunicação da saúde, sobre as possíveis causas de febre num pós-operatório. Quando Meredith o responde ele se volta para o interno Alex e diz: “faça exatamente o que ela disse e depois diga a seu residente que você está fora do caso”. Para um médico sair de um caso o qual estava trabalhando é algo que lhe aborrece e o faz sentir-se inferiorizado. Neste caso é possível perceber que o poder é predominantemente do chefe da cirurgia.

Quando se fala em poder é impossível deixar uma das frases mais icônicas da série, dita pelo Staff Derek Shepherd: “está uma bela noite para se salvar vida, vamos nos divertir”. Ele a utiliza em todos seus procedimentos, como um talismã, mas quando paramos para analisar, percebe-se o poder embutido nas entrelinhas, afinal, ele é capaz de salvar uma vida, isto o torna quase um Deus.

Por fim, é possível perceber que o poder exercido pelos staffs e pelo chefe não são apenas de opressão, mas também de reconhecimento. Quando Meredith tenta tirar satisfação com o Staff Derek Shepherd sobre sua relação interferir no profissional ele a responde da seguinte forma: “você é médica da Kate. E no seu primeiro dia, com pouco treinamento ajudou a salvar a vida dela. Você ganhou o direito de acompanhar o caso dela até o fim. Você não devia deixar a nossa transa atrapalhar um prêmio merecido”. Ou seja, o poder investido no Staff serviu para que ele pudesse analisar todo o percurso feito pela interna e perceber que mesmo estando em seu primeiro dia ela soube diagnosticar algo que ele mesmo não havia conseguido.

Percebe-se que o poder, dentro de um hospital, vai além da relação médico paciente. A série permite que tenhamos esta visão, por mais que na maioria das vezes seja de forma exagerada ou inadequada, ela traz este conhecimento à tona, e isto é algo positivo.

#### **4.6 Os Socioletos**

O socioleto, como apresentado anteriormente, no capítulo 1, é a identidade de um grupo social, a forma como se fala e organiza sentenças. Cada grupo tem seu socioleto, no

caso, os médicos têm sua própria linguagem, uma para com seus pares, outra para com seus pacientes como já foi explanado no presente estudo. Barthes (1973) os divide em duas subcategorias: Acrático e Encrático e este é o principal objetivo deste subcapítulo, identificar estes discursos e analisar por quem e em que contexto cada um é dito.

Iniciemos pelo Encrático, este age por opressão, é a voz das organizações, chefes, enfim, poderes superiores, é constituído pela Doxa. É possível notar sua presença de forma significativa, afinal, dentro do hospital, há uma cadeia de cargos, o que já torna evidente quem mantém o poder dentro do ambiente. O primeiro exemplo do socioleto encrático está no seguinte discurso, dito pelo chefe de cirurgia, Richard Weber: “você vieram aqui hoje, na esperança de entrar no jogo. Há um mês estavam na faculdade de medicina tendo aula com médicos, hoje, você são os médicos. Os sete anos como residentes da cirurgia serão os melhores e os piores de suas vidas. Não serão testados até o limite. Olhem ao redor, cumprimentem os adversários, oito de você vão mudar para uma especialização mais fácil, cinco não vão aguentar a pressão, dois vão ser convidados a se retirarem, este é o ponto de partida, esta é a sua arena. Como vão jogar, é com você”.

O presente discurso traz consigo um poder implícito, afinal é o chefe de cirurgia quem diz tais coisas, isto, as torna verdade. Se ele afirma que oito internos mudarão de especialização, então, oito internos mudarão. O que é dito pelo discurso encrático não é questionado, apenas aceito, afinal, a voz de quem diz, normalmente é a voz de quem encontra-se no poder. É muito difícil ter um discurso encrático vindo do povo, por exemplo, é mais comum quando o mesmo é apresentado por chefes, prefeitos, escolas, organizações, dentre outros.

Um segundo exemplo claro de um discurso encrático são as, já explanadas anteriormente na análise da categoria poder, 5 regras da residente Miranda Bailey (anexo 1, p. 58). Nenhum dos internos questiona sua autoridade, muito menos suas regras, apenas aceitam e tentam adaptar-se. E isto torna-se evidente quando Izzie Stivens precisa da opinião de sua superior para colocar um acesso em um paciente, mas Miranda está dormindo. Suas regras são claras, sem a despertar à toa. A regra quase impede Izzie de pedir ajuda, mas ela toma coragem e o faz mesmo assim, afinal o que importa é a vida do paciente e não o sono de sua superior.

A personagem Miranda Bailey, normalmente, aparece trazendo discursos encráticos, o citado acima, e também, quando designa tarefas aos seus internos: “todos os exames de rotina:

tomografia, hemograma, bioquímica, toxicológico. Cristina cuide dos exames. George examine minha paciente. Meredith leve a Katie para a tomografia ela é sua responsabilidade agora”. Percebe-se que independentemente do caso da paciente nenhuma tarefa ficou para si, ela apenas designou, mas não assumiu nenhuma delas. Esta é mais uma das características deste socioleto, ele ordena, impõe tarefas e afazeres e apenas supervisiona quando necessário.

**Figura 10:** Miranda Bailey debocha de sua interna



**Fonte:** *Grey's Anatomy* (01x01)

A cena acima foi escolhida para ilustrar o parágrafo anterior. Aqui Miranda Bailey designa ordens aos seus internos, quando Izzie a questiona sobre o que irá fazer, Miranda à olha com um ar de deboche e a diz: “querida, você vai ficar com os toques retais”. É possível notar a necessidade de tal função, porém, a forma como foi dita pela superior fez parecer que, pelo fato de Izzie ser a “modelo”, como explicado em estereótipos, ela mereça fazer algo “menos importante”. Mais adiante no episódio, quando a paciente de Meredith tem parada cardíaca e Miranda é chamada, ela adverte a interna: “se tem uma emergência você me chama imediatamente, não nos cinco minutos que leva para chegar à emergência, imediatamente. Você é da minha equipe se alguém morrer quem se dá mal sou eu, ouviu bem Grey?”, ou seja, o discurso aqui nos faz questionar se a vida do paciente não é importante, afinal, se ela morresse, Miranda é que se daria mal. Volto a reflexão, médicos têm noção da importância de sua profissão?

Outro exemplo que nos faz refletir sobre a mesma questão acontece quando o staff Derek Shepherd pede ajuda aos internos: “bom dia. Vou fazer uma coisa rara para um cirurgião, vou pedir ajuda aos internos. [...] Sei que estão cansados, são ocupados, tem mais



trabalho do que podem dar conta, eu compreendo então vou lhes dar um incentivo por isto, quem descobrir a resposta ganha um prêmio: se a Katie precisar de cirurgia este alguém vai fazer o que nenhum interno pode, se lavar e entrar em um procedimento avançado [...]”. Vou fazer uma coisa rara já nos dá com certeza absoluta de que ele se encontra no poder, ele tem socioleto encrático. Além disto, oferece uma “recompensa”, poder participar de um procedimento avançado. Aqui inicia uma corrida para saber quem será o escolhido, mas as motivações não são as ideais, não é a saúde da garota de 15 anos, mas sim poder participar deste procedimento.

Quando pensamos no socioleto referente à sociedade externa à série, a sociedade em que estamos inseridos, percebe-se que o discurso do poder é presente quando falamos de medicina, ou seja, a realidade da série é igual a realidade real. Os médicos e cirurgiões têm poder sobre a vida das pessoas e em poucos casos são procuradas segunda opiniões sobre algum diagnóstico, quando é feito, é a outro médico, ou seja, saímos de uma realidade, mas não da bolha de poder carregada pela medicina na sociedade.

O discurso do chefe Richard Webber é prova disto, na cena em que dá boas-vindas aos novos internos podemos o compreender como sendo a medicina e os internos nós, cidadãos. Pelo fato de que o socioleto encrático, o discurso do poder não é questionado, apenas absorvido e seguido à risca. O mesmo acontece com as 5 regras de Miranda Bailey, ela representa a profissão e o poder da mesma em nossa sociedade, enquanto os internos representam o povo, que chega ao hospital cheio de dúvidas e quando é explicado algo não questiona, apenas toma aquilo como verdade.

Ao falarmos de socioleto acrático, percebemos que estes são quase inexistentes dentro deste primeiro episódio, afinal, a medicina em si faz com que o que seja dito, não seja menos do que a verdade. Mesmo assim, é possível identificar, alguns exemplos, tais como a primeira frase da série: “o jogo: dizem que a pessoa leva jeito para o negócio, ou não. Minha mãe era uma das melhores, já eu por outro lado, sou meio perdida”, percebe-se que a forma com que Meredith Grey se coloca de forma inferior ao que realmente é, a deixa em uma posição de subversão, no caso, pelo fato de sua mãe ser uma das melhores.

Outro exemplo da mesma personagem acontece ao final do episódio quando a mesma reflete sobre suas conclusões iniciais: “eu não consigo pensar em uma razão para querer ser cirurgiã, mas consigo pensar em mil razões para desistir. Eles dificultam de propósito, são vidas que estão em nossas mãos. Tem momentos que não têm nada a ver com o jogo, aí você

dá o passo certo, ou vira as costas e vai embora. Eu devia desistir, só tem um porém, eu adoro a arena do jogo!”. O “eles” a quem ela se refere são aos Staff’s e residentes, o que a coloca, de forma clara, num socioleto acrático, pois ela tem suas ações oprimidas, bem como suas ideias, mas, é possível notar que independentemente da posição em que se encontra, ao menos Meredith tem a noção de que são vidas em suas mãos, e não apenas um pedaço de carne.

A medicina, porém, permite que o socioleto acrático, o que está às margens consiga acender e tomar uma posição. É o que acontece quando os pais de Katie Bryce decidem pedir um outro médico no lugar do Staff Derek Shepherd: “não, eu quero outro médico, um médico que saiba o que está fazendo, me arruma outro médico, algum melhor que você”. Nota-se que por mais que os pais de Katie estejam em um socioleto acrático, o poder exercido culturalmente é mais forte do que a própria medicina.

O socioleto acrático quando relacionado à sociedade em que estamos inseridos, deixa evidente a necessidade de questionamento por parte do povo. Como dito anteriormente, é mais fácil alguém que já se encontre no poder acender do que alguém que esteja na periferia, mas não é impossível e isto é ilustrado inclusive na série. O povo se mantém neste limbo de ouvir e não questionar, o que faz com que a sociedade não evolua, quanto mais buscarmos respostas, mais evoluídos seremos. Contudo, chega-se à conclusão de que a medicina é rodeada de socioletos, mas que a sua grande maioria é composta por socioletos encráticos, que ordenam e que tem um discurso universal.

## CAPÍTULO 5

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente estudo podemos observar que uma análise semiológica sob o ponto de vista do verbal e não verbal, fez com que diversos significados embutidos entre as linhas ficassem visíveis. Com isto podemos concluir que independentemente de os fãs gostarem ou não da série, a maneira como ela representa a medicina não é algo positivo e satisfatório. Existe um exagero por conta das histórias contadas e também pelo fato de deixar explícita uma necessidade por cirurgias, por parte dos médicos, que nos fazem refletir sobre a profissão. Um dos exemplos que mais ilustra esta afirmação e demonstra o quanto a categoria poder está presente na série, é o fato de o Staff Derek Shepherd praticamente parar o hospital, convocar todos os residentes e internos para que o ajudem a descobrir o diagnóstico de uma paciente. Isto é algo que não acontece normalmente, afinal, o tempo de cada médico é quase insignificante quando comparado ao número de pacientes.

Além disto, cabe ressaltar que as relações pessoais e o crescimento profissional muitas vezes ganham mais destaque do que a própria vida de um paciente. Em diversos pontos, apenas do primeiro episódio, com o auxílio das categorias utilizadas para a análise semiológica (discurso, cultura, comunicação da saúde, estereótipo, poder e socioleto), pôde-se notar o desejo que se tem por uma cirurgia, cabe ressaltar que o foco principal é o procedimento em questão e não se o paciente ficará bem ou morrerá, deixando evidente o poder de quem tem a informação e o conhecimento, bem como, a sensação de prazer a qual Barthes (1978) se refere quando fala da *libido dominandi*.

Outro aspecto a ser apontado é o fato de o episódio apresentar exatamente o procedimento, o tratamento e as consequências de algumas enfermidades. Isto faz com que o telespectador absorva aquilo como verdade, pondo em prática a Teoria do Aprendizado Social. Bandura (1977) explica que a partir desta teoria é possível que se aprenda apenas observando, e que isto é vital ao ser humanos. De fato, isto é concretizado, pois é comum lermos ou ouvirmos de fãs que eles são “médicos formados em 14 temporadas de *Grey’s Anatomy*”. Isto é até cômico para quem entende, porém, quando paramos para analisar nos questionamos: será que esta pessoa realmente acha que é capaz de diagnosticar um paciente? Será que existe consciência nesta afirmativa? E isto é algo muito sério.

O objeto de análise foi escolhido pelo fato de podermos ter uma visão mais ampla da realidade dos cirurgiões e por nos sentirmos instigados a compreender a forma como eles se comunicam. É comum tratarmos médicos e cirurgiões como “deuses”, e esperarmos que tudo possa ser resolvido, porém a série deixa claro que todos somos seres humanos propícios ao acerto e ao erro. A realidade apresentada pela série envolve muito drama, mas para além disto pode-se perceber a riqueza da narrativa e a forma com que apresenta cada procedimento médico e todas as suas dificuldades, trazendo à tona um “por trás das cortinas” que quase ninguém para e pensa como funciona.

Contudo, por mais que a série aparentemente seja supérflua e tola, ela traz consigo diversos ensinamentos que é difícil pararmos para pensar durante o dia-a-dia, como por exemplo a hierarquia que se tem dentro de um hospital, deixando em ênfase, novamente, o poder, bem como, a cultura interna. Quem já precisou de atendimento médico ou trabalha no meio tem mais contato com esta realidade e pode sim saber da existência de toda esta burocracia por conta dos cargos. Porém, grande parte dos cidadãos imaginam que a partir do momento em que você veste um jaleco, você pode atender e dar soluções e isto demonstra um senso comum instaurado em nossa cultura. A série deixa isto claro, afinal, não são todas as funções que todos podem desenvolver, cada um tem a sua e a partir do momento que você está apto, você passa a desenvolver outras, assim sucessivamente.

Quando falamos em estereótipos é possível notar que a afirmação que muitos fazem sobre médicos serem deuses existe em qualquer contexto, seja no real ou no fictício. É possível perceber que o poder dado aos cirurgiões e médicos no momento da entrega do seu diploma é algo divino, afinal são eles que têm o conhecimento. O mesmo acontece com os internos e residentes. É possível entender que os residentes sabem tudo, como é o caso de Miranda, e os internos são a ralé da cadeia cirúrgica.

Nota-se que a evidência de uma cultura se torna algo inegável, assim como os estereótipos, que estão presentes em qualquer classe, profissão e sociedade, e os socioletos, tanto acráticos, quanto encráticos. O que mais fica evidente sob o ponto de vista de que analisou é o poder exercido pelos médicos, sejam eles internos, residentes, staffs ou chefes de cirurgia, independentemente da situação, se algum deles diz algo é este algo que é tido como verdade, nada mais do que isto.

Pode-se compreender que a série apresenta a medicina e os médicos, até certo ponto, como deuses, reforçando a ideia um tanto “senso comum” que médicos salvam a todos, mas

também subverte este significado quando deixa claro, por meio de exageros que, caso um cirurgião perca um paciente em um procedimento cirúrgico, isto não é o fim do mundo, pois estamos lidando com humanos, e humanos podem errar, eles têm este direito.

Evidencia-se a necessidade de uma comunicação da saúde mais prática e eficiente. É possível recortar momentos em que a comunicação funciona, ao mesmo passo que podemos recortar momentos onde ela falha. Por este motivo a comunicação torna-se fundamental em qualquer ambiente de trabalho e ainda mais na medicina pelo fato de que a falta dela poder levar uma pessoa à morte. É preciso que haja mais conhecimento, mas também é preciso que se tenha capacidade de transpassar este conhecimento para todos os que o precisam, sem que existam lacunas em qualquer lugar. A comunicação da saúde fica em segundo plano na narrativa, mas mesmo assim, a série traz à tona sua importância.

Por fim, gostaríamos de lembrar que o presente estudo é inesgotável, afinal a análise realizada foi feita apenas com um episódio e mesmo assim há possibilidades de muitos outros entendimentos sobre um mesmo diálogo ou cena. Existem mais de 300 outros episódios que podem ser analisados, bem como, diversas outras categorias que podem ser criadas. Por este motivo o presente estudo não se finda apenas com a análise feita e apresentada acima. Também, desejamos que este trabalho sirva de base para futuras pesquisas e que possa auxiliar a resolver alguns questionamentos que possam existir.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCALAY, Rina. *La comunicación para la salud como disciplina em las universidades estadounidenses*. Revista Panam Salus Publica/Pan Am J Public Health, 5(3), 1999.

BANDURA, Albert. *Social learning theory*. New Jersey: Prentice-Hall, INC. Englewood Cliffs, 1977.

BARTHES, R. *A aventura semiológica*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Aula*. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

\_\_\_\_\_. *Elementos da Semiologia*. 4 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1996

\_\_\_\_\_. *O grão da voz*. Lisboa: Edições 70, 1981.

\_\_\_\_\_. *O prazer do texto*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.

\_\_\_\_\_. *O rumor da língua*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. *Escritores, intelectuais, professores e outros e ensaios*. Lisboa: Editora Presença, 1975.

\_\_\_\_\_. *A câmara clara: notas sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.

BERTOL, Sônia. *Comunicação da Saúde – a divulgação do câncer de mama Brasil/Estados Unidos*. Passo Fundo: Editora Méritos, 2012.

BRASIL. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. *Diário Oficial da União*, Poder Executivo, Brasília, DF, 20 set. 1990.

CARLOS, Cássio Starling. *Em Tempo Real: Lost, 24 horas, Sex and the city e o impacto das novas séries de TV*. São Paulo: Editora Alameda, 2006.

COSTA, Flávia Cesarino. *O primeiro cinema: espetáculo, narração, domesticação*. São Paulo: Editora Scritta, 1995.

CORTÊS, H. S. *A sala de aula como espaço de vida: Educação e mídia*. In *Leituras significações plurais – educação e mídia: o visível, o ilusório, a imagem*. Org.: FERREIRA, L. W.; MARCHIORO, C. EDIPUCRS: Porto Alegre, 2006.

COUTINHO, Laura Maria. *O estúdio de televisão e a educação da memória*. Brasília: Editora Plano, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse and social change*. Oxford and Cambridge: Editora Polity Press and Blackwell, 1992.

FIELD, Syd. *Manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Editora Loyola, 1996.

FRIDERICHS, Bibiana de Paula. *#vemprarua e a guerra das linguagens*. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Anais – Manaus, AM – 4 a 7/9/2013.

GIL, Antônio. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4.ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GOLÇALVEZ, Elizabeth Moraes, et al., *OS DISCURSOS DE LULA NO PODER: PARLATÓRIO E CONGRESSO*. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/266034977\\_OS\\_DISCURSOS\\_DE\\_LULA\\_NO\\_PODER\\_PARLATORIO\\_E\\_CONGRESSO\\_Co-autores](https://www.researchgate.net/publication/266034977_OS_DISCURSOS_DE_LULA_NO_PODER_PARLATORIO_E_CONGRESSO_Co-autores)>. Acesso em: 13 de março de 2018.

JOST, François. *Do que as séries americanas são sintoma?* Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

MACHADO, A. *Pré-cinema & Pós-cinema*. Campinas: Editora Papirus, 1997.

\_\_\_\_\_. *A Televisão Levada a Sério*. 4 ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

MARQUES DE MELO, José. *Comunicação Social: teoria e pesquisa*. 4. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.

MESSA, Márcia Rejane. *A cultura desconectada: sitcoms e séries norte-americanas no contexto brasileiro*. Disponível em:<[http://www.unirevista.unisinos.br/\\_pdf/UNIrev\\_Messa.PDF](http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Messa.PDF)> Acesso em: 08 de setembro de 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Facet definitions and questions*. Geneva: OMS, 1995.

PALLOTTINI, Renata. *Dramaturgia de televisão*. São Paulo: Editora Moderna, 1998.

PUHL, Paula. *Análise narrativa no caso: Agosto*. PUCRS- Brasil, 2004.

RAMOS, Roberto José. *Roland Barthes: a semiologia da dialética*. Disponível em:<  
<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/viewFile/158/149>>. Acesso em 02  
de março de 2008.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

SANTAELLA, Lúcia; Nöth, Winfried. *Comunicação e Semiótica*. São Paulo: Hackers  
Editores, 2004.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. *Gêneros e formatos na televisão brasileira*. São Paulo:  
Summus Editorial, 2004.

SOUZA, S.; GAMBA, JR., N. Novos suportes, antigos temores:  
tecnologia e confronto de gerações nas práticas de leitura e escrita *In Educação*  
*@ Pós-modernidade; Ficções científicas & crônicas do cotidiano*. Editora 7  
letras, 2003. Org.: Solange Jobim e Souza.

STUMPF, Ida Regina. *Pesquisa Bibliográfica* In: Duarte & Barros (Org.). Métodos e técnicas  
de pesquisa em comunicação. São Paulo: Editora Atlas, 2006.

SYDENSTRICKER, Iara. *Taxonomia das séries audiovisuais: uma contribuição de roteirista*.  
In: BORGES, Gabriela; PUCCI JR., Renato Luiz; SOBRINHO, Gilberto Alexandre.  
*Televisão: Formas audiovisuais de ficção e documentário*. São Paulo: Instituto de Artes/  
Unicam, 2012.



## ANEXO 1

### EPISÓDIO 1 – LONG NIGHT, LONG DAY – LONGA NOITE, LONGO DIA

“O jogo: dizem que a pessoa leva jeito para o negócio, ou não. Minha mãe era uma das melhores, já eu por outro lado, sou meio perdida” – Meredith Grey

- Isto aqui é seu? (sutiã preto) – Derek Shepherd

- Nossa que situação surreal, melhor ir embora - Meredith Grey

- Por que não volta pra cá e a gente engata de onde parou? Derek Shepherd

- Não, sério, vai nessa, olha, eu me atrasei e não é legal se atrasar logo no primeiro dia – Meredith Grey

- E você mora aqui mesmo? – Derek Shepherd

- Não - Meredith Grey

- Humm – Derek Shepherd

- Moro, mais ou menos, moro - Meredith Grey

- Huumm, é bonito, empoeirado, esquisito, mas é legal. Como é morar mais ou menos aqui? – Derek Shepherd

- Tem poucas semanas que cheguei de Boston, esta aqui era a casa da minha mãe, eu vou vender! - Meredith Grey

- Ah lamento! – Derek Shepherd

- Por que? - Meredith Grey

- Você disse era. – Derek Shepherd

- A minha mãe não morreu não. Olha, não tem que rolar estas coisas. - Meredith Grey

- A gente faz o que você quiser – Derek Shepherd

- Esse lance de entrar em detalhes, fazer de conta que se preocupa... eu vou lá em cima pra tomar um banho e quando eu descer você não vai estar aqui, então, eu... tchauzinho...ãah... - Meredith Grey

- Derek – Derek Shepherd

- Derek, legal! Meredith - Meredith Grey

- Meredith? Legal – Derek Shepherd

- É - Meredith Grey

- Prazer! – Derek Shepherd

- Tchau Derek. - Meredith Grey

#### Transição da Mer saindo de casa indo ao hospital

- Vocês vieram aqui hoje, na esperança de entrar no jogo. Há um mês estavam na faculdade de medicina tendo aula com médicos, hoje, vocês são os médicos. Os 7 anos como residentes da cirurgia serão os melhores e os piores de suas vidas. Vão ser testados até o limite. Olhem ao redor, cumprimentem os adversários, 8 de vocês vão mudar para uma especialização mais fácil, 5 não vão aguentar a pressão, 2 vão ser convidados a se retirarem, este é o ponto de partida, esta é a sua arena. Como vão jogar, é com vocês. – Richard Webber

---

“Como eu já disse, eu sou meio perdida” – Meredith Grey

#### Chamada dos residentes

- Seis mulheres num grupo de 20? – Meredith Grey

- É, e soube que uma é modelo, tenha dó, agora é que não respeitam a gente – Cristina Yang

- Você é Cristina né? - Meredith Grey

- Que residente você pegou? Peguei a Bailey. – Cristina Yang

- O nazista? Eu também – Meredith Grey

- Vocês pegaram o nazista? Eu também. Pelo menos vão torturar a gente junto né? Prazer, George O'malley. A gente se viu naquela festinha, você estava com um vestido preto, com uma fenda do lado, sandálias de tira. Iih, já tá achando que sou gay né? Olha, eu não sou gay não ein, é que a sua presença, foi meio marcante pra mim.... - George O'malley

\*O'malley, Yang, Grey, Stivens, vamos\*

- Eu é que não marquei presença (resmungo George)

- Bailey – Cristina Yang

- Fim do corredor! - Enfermeira

- É ela? – Cristina Yang
- Pensei que nazista fosse homem – George O'malley
- Pra mim nazista é nazista. Sempre – Meredith Grey
- Vai ver é inveja da eficiência, ela deve ser genial e chamam de nazista porque têm inveja, ela pode ser legal – Izzie Stivens
- E esta é a modelo – Cristina Yang
- Oi, Isobel Stevens, mas todo mundo me chama de Izzie. - Izzie Stivens
- Eu tenho 5 regras, decorem logo: regra número um, não adianta me bajular, eu já odeio vocês e nada vai mudar isto; prontuários, listas de telefones, bipes, as enfermeiras vão ligar e vocês vão atender a todos os chamados voando. Voar, esta é a regra número dois. Seu primeiro plantão começa agora e dura 48 horas. Vocês são internos, a ralé, ninguém, a base da cadeia alimentícia da cirurgia, fazem exames, anotam pedidos, trabalham até caírem na segunda noite e não reclamam. Sala dos plantonistas, onde os médicos repousam, durmam quando e onde puderem. O que me leva a regra número três, se eu estiver dormindo, não me acordem a menos que seu paciente esteja morrendo. Regra número quatro, é melhor o moribundo não estar morto quando eu chegar lá, pois além de terem matado alguém, vão ter me acordado sem motivo, me entenderam? - Miranda Bailey
- Você disse que eram cinco regras e só deu quatro – Meredith Grey
- Regra número cinco, quando eu andar vocês me seguem. Saiam da frente. – Miranda Bailey
- Qual é o caso? – Miranda Bailey
- Katie Bryce, menina de 15 anos, mais uma convulsão das que vem tendo há uma semana. Está sem acesso venoso, começou a ter uma crise convulsiva na descida. - Socorrista
- Tá virem ela de lado devagar. Izzie 10mg de diazepam ml. Não, não, condutor brando à direita, eu disse branco à direita, entendeu bem agora? Botem logo no soro, não deixem o sangue coagular, rápido. – Miranda Bailey
- Fui informado que temos uma menina em convulsão? – Preston Burke
- Isso aí Dr. Burke – Miranda Bailey
- Dr. Bailey examine tudo. – Preston Burke

- Todos os exames de rotina: tomografia, hemograma, bioquímica, toxicológico.. Cristina cuide dos exames. George examine minha paciente. Meredith leve a Katie para a tomografia ela é sua responsabilidade agora – Miranda Bailey

- Não pera aí, e eu? – Izzie Stivens

- Ein? Querida você vai cuidar dos toques retais - Miranda Bailey

---

- Tá fazendo o que aqui? - Miranda Bailey

- Os exames de Katie Bryce estão normais, nada nos resultados explica as convulsões, achei que iria querer saber – Cristina Yang

- Tá bom - Miranda Bailey

- Eu soube que todo ano o staff de plantão escolhe o melhor interno e deixa ele executar um procedimento no primeiro plantão, eu só tô dizendo o que eu ouvi – Cristina Yang

- Cai fora, some – Miranda Bailey

---

- É parece bem – George O'malley

- Ele vai ficar bom? Você vai ficar bom – Esposa do paciente

- Se não levar em conta que eu nunca mais vou comer toucinho eu vou - Paciente

- E vai fazer uma ponte de safena amanhã com o Dr. Burke, soube que ele é bom, e depois disso o senhor pode comer quanto toucinho à base de soja o senhor quiser – George O'malley

- Me mata agora! - Paciente

- Até queria viu, mas sou médico – George O'malley

---

- Está perdida – Katie Bryce

- Eu não estou perdida, como se sente? - Meredith Grey

- Como acha que me sinto? Eu vou perder o concurso - Katie Bryce

- Vai perder que concurso? – Meredith Grey

- Adolescente de washigton, eu estava entre as finalistas depois de duas eliminatórias, era meu ano, eu podia ter ganho. Olha só, vem cá, você é novata por acaso? - Katie Bryce

---

- Fica firme aí que eu vou inserir meus dedos no seu reto agora, tá bem? – Izzie Stivens

- Fora, fora – Preson Burke p/ George O'malley
- Aposto que você também errou à beça quando começou – George O'malley

---

- eu torci o tornozelo no ensaio, eu faço ginástica artística que é uma coisa bem legal, ninguém mais faz, eu tropecei na fita e nunca fui tratada por alguém tão incompetente e ela era só enfermeira. - Katie Bryce
- Você e eu vamos nos dividir muito juntos – Preston Burke para George O'malley
- Plantão é maratona e não 100 metros rasos, come – George O'malley
- Não, não dá - Izzie Stivens
- Mas tem que comer - George O'malley
- Tenta comer depois de fazer 17 toques retais. Aquela nazista me odeia - Izzie Stivens
- A nazista é uma residente, tem um cirurgião que tem ódio de mim - George O'malley
- Os pais da Meredith são médicos – Cristina Yang
- Como se fosse raro um médico ter pais que também são médicos - George O'malley
- Não, eles são topo de linha, a mão dela é Ellis Grey - Cristina Yang
- Como é que é? A Ellis Grey? - Izzie Stivens
- Quem é Ellis Grey? - George O'malley
- Ellis ... o método Grey, onde estudou medicina? No México? - Cristina Yang para George O'malley
- Hahaha Ellis é uma das primeiras grandes cirurgiãs, foi ela que inventou o afastador abdominal. – Izzie Stivens
- Ela é uma lenda viva gente, foi premiada duas vezes – Cristina Yang
- Que legal eu nem sabia – George O'malley
- Que pressão familiar ein! – Izzie Stivens
- Eu daria tudo pra Ellis Grey ser minha mãe. Eu daria tudo pra ser Ellis Grey, eu só preciso de um bom caso... – Cristina Yang
- Olha ela aí – George O'malley

- Katie Bryce é um castigo, se eu não tivesse feito o Juramento de hipócrates eu indicaria eutanásia pra ela ---- o que foi? – Meredith Grey

- Boa tarde internos, está no cartaz, mas eu quero comunicar pessoalmente. Como sabem a honra de auxiliar na primeira cirurgia é reservada ao interno que mais se destaca, já que estou no comando hoje sou eu que escolho. George O'malley. – Preston Burke

- Eu? - George O'malley

- Prepare-se para uma apendicectomia. Meus parabéns. Aproveite. – Preston Burke

- Ele me escolheu? - George O'malley

---

- Eu vi a ficha dele George O'malley conseguiu a vaga por milagre, ele e não é candidato pra você – Miranda Bailey

- Não, ele é o meu candidato – Preston Burke

- Todo ano você escolhe um e todo ano este um sofre mais do que todos os outros na cirurgia – Miranda Bailey

- É só organizar um e os outros entram na linha – Preston Burke

- É, eu sei, eu adoro isto, mas o George? Ele é só um garoto não aguenta... – Miranda Bailey

---

- Katie Bryce – Katie querida, papai e mamãe chegaram – Pais de Katie

- Ela tomou um sedativo por causa da tomografia está meio grogue – Meredith Grey

- Ela vai ficar boa? – Mãe

- O médico da família disse que ela precisa ser operada, isto é verdade? Pai

- Que tipo de operação? Mãe

- Ela é.. bom... veja bem eu não sou a médica, quer dizer eu sou médica, mas não sou a responsável por ela então eu vou chamar o responsável. - Meredith Grey

---

- O que é? – Miranda Bailey

- Os pais da Katie estão cheios de perguntas, vai falar com eles ou eu chamo o Bruke? - Meredith Grey

- Não, o Burke não está no caso, a Katie está com um novo especialista Dr. Shepherd, ele está logo ali.. – Miranda Bailey

---

- Meredith, eu posso falar com você um minuto? – Derek Shepherd

- Eu estou ocupada... Dr.Shepherd... - Meredith Grey

- Dr Shepherd? Hoje de manhã era Derek agora é Dr.Shepherd? – Derek Shepherd

- Dr. Shepherd vamos fingir que nunca rolou nada - Meredith Grey

- Nunca rolou o que? Você dormir comigo ontem ou me expulsar pela manhã? São recordações que eu gostaria de ter na lembrança – Derek Shepherd

- Não, nada de lembranças, eu não sou mais aquela garota do bar e você não é aquele cara, aquilo não existiu. Entende isto né? - Meredith Grey

- Se aproveitou de mim e quer que eu esqueça tudo né?! – Derek Shepherd

- Eu não me aproveitei - Meredith Grey

- Eu estava bêbado, sou bonito e você se aproveitou – Derek Shepherd

- Tá legal, eu é que estava bêbada e você nem é tão bonito assim - Meredith Grey

- Talvez não hoje, ontem à noite eu estava bonito com minha camisa vermelha e você abusou de mim – Derek Shepherd

- Eu não abusei de você - Meredith Grey

- Quer abusar mais? Na sexta à noite? – Derek Shepherd

- Não. Você é do Staff e eu sou uma interna e vê se para de me olhar assim - Meredith Grey

- Assim como? – Derek Shepherd

- Como quem me viu nua. Dr. Shepherd, está sendo muito inconveniente, para pra pensar. - Meredith Grey

- -----

- Abrir, identificar, hemostasiar, remover, irrigar, fechar. Abrir, identificar, hemostasiar remover, irrigar, fechar.... – George O'malley

- Ele vai desmaiar - Interno
  - Não ele vai é se borrar - Interno
  - Já tá todo suado, vai suar tanto que vai desesterilizar - Interno
  - Aposto dezinho que ele não consegue - Interno
  - Aposto 15 que ele chora - - Interno
  - Aposto 50 que ele vai fazer tudo direito. Podia ser qualquer um de nós lá embaixo e ele é o primeiro do grupo, gente é questão de lealdade – Meredith Grey
  - 75 que ele não encontra a pinça - Interno
- 
- muito bem, vamos ver o que sabe fazer – Preston Burke
  - Galera é agora – Meredith Grey
  - Bisturi – George O’malley
  - Bisturi - Auxiliar
- AAAAAAAAAAAAEEEEEEEEEEEEEE - Internos
- Mais pressão, a pele humana é uma casca grossa, a incisão deve ser profunda – Preston Burke
  - Pinça – George O’malley
  - Pinça - Auxiliar
  - Hemostático ... assim já está bom...vamos entrar – George O’malley
  - Já passou do peritônio, tô fora - Interno
  - Eu falei pra vocês que ele ia acertar – Meredith Grey
  - Bisturi ..... apêndice removido - – George O’malley
  - Nada mal – Preston Burke
  - Obrigado senhor – George O’malley
  - Agora é só inserir o coto no ceco e ao mesmo tempo tracionar a sutura in bolsa, mas é melhor tomar cuidado viu pra... não partir.. você lacerou o ceco, tem uma hemorragia. Está



enchendo de fezes o que vai fazer? Pense.... você parte para a aspiração e começa a refazer as suturas antes que o quadro se agrave – Preston Bruke

- Pressão caindo - Enfermeira

- Ele se enrolou - Interno

- Segura a onda George – Meredith Grey

- É pra hoje.. respira fundo, se concentra, o que você está esperando? Faz a aspiração logo... – Preston Bruke

- Continua baixando - Enfermeira

- Sai da minha frente, seu incompetente, tira ele daqui... aspiração , hemostático – Preston Bruke

- Ele é o 007 – Alex Karev

- O que é isto gente? – Izzie Stivens

- Licença para matar – Meredith Grey

---

- 007 estão me chamando de 007 – George O'malley

- Ninguém te chamou de 007 – Izzie e Cristina

- Eu estava no elevador e o Murfi sussurrou 007 – George O'malley

- Quantas vezes a gente tem que repetir pra você? 5,10 me diz quantas ou eu bato em você – Cristina Yang

- Ele sussurrou 007 e todo mundo riu – George O'malley

- Ele não estava falando de você – Izzie Stivens

- Certeza? – George O'malley

- Nós somos de mentir? – Cristina Yang

-São – George O'malley

- 007 é um estado de espírito – Cristina Yang

- Sei, vindo da garota que fez Artes lá em Stanford – George O'malley

- Ai não, emergência para Katie Bryce, vou nessa – Meredith Grey
  - Acho que eu devia ter tentado geriatria, ninguém liga se você mata um velhote – George O'malley
  - Cirurgia é show, coisa de fuzileiro, coisa de macho, trabalho sujo. Geriatria é para maricas que vivem com a mamãe e não fazem sexo – Cristina Yang
  - É, estou precisando morar sozinho – George O'malley
- 

### Meredith correndo

- Dá licença, dá licença – Meredith Grey
  - Demorou um tempão ein – Katie Bryce
  - Você está bem? Recebi um chamado de emergência – Meredith Grey
  - Eu tive que imitar o exorcista para alguém me atender no interfone – Katie Bryce
  - Espera aí, não está sentindo nada? – Meredith Grey
  - Só tédio.. – Katie Bryce
  - Olha aqui sua... eu não estou aqui a passeio não – Meredith Grey
  - Sem stress. O concurso vai passar na TV a cabo, mas esse hospitalzinho aqui não tem o canal. Se a vadia da Callie Wood vai roubar minha coroa, eu quero ver, dá um jeito nisso? – Katie Bryce
  - É o seguinte, isto aqui é um hospital de verdade, com gente doente de verdade. Então vai dormir e não enche mais a minha paciência. – Meredith Grey
  - eu não consigo dormir, tô de cabeça cheia – Katie Bryce
  - São seus próprios pensamentos, se vira com eles – Meredith Grey
- 

### Miranda dormindo, Izzie precisa de ajuda e tem medo de chamar

- Qual o problema? - Enfermeiro
- O senhor Jones tem veias de viciado e precisa de antibiótico, não sei se tento um acesso pelo tórax – Izzie Stevens
- Ué, faz isto. Mas não sabe como? - Enfermeiro

- Eu nunca fiz isso – Izzie Stivens
- Já sabe o que tem que fazer - Enfermeiro
- Não dá pra chamar uma outra pessoa não? – Izzie Stivens
- É a residente de plantão - Enfermeiro
- Está bem, está bem eu vou lá acordar ela – Izzie Stivens
- Dra. Bailey desculpa incomodar – Izzie Stivens
- Cai fora – Miranda Bailey
- É o senhor Jones – Izzie Stivens
- Está morrendo? – Miranda Bailey
- Não – Izzie Stivens
- Então para de falar comigo – Miranda Bailey
- Ruun – Izzie Stivens
- O que foi ein? – Miranda Bailey

#### Bailey faz o acesso

- Da próxima vez que me acordar acho bom ele estar tão perto da morte que tenha uma etiqueta nos pés – Miranda Bailey
- 
- A do 4B está com pneumonia pós-operatória, vamos entrar com antibióticos – Alex Karev
  - Tem certeza que é o diagnóstico certo? - Enfermeira
  - Eu não sei, sou só um interno. Olha só, porque você não faz 4 anos de faculdade de medicina e depois me conta se o diagnóstico está certo? Está com dispneia, com febre, num pós-operatório, entre com antibióticos. Odeio enfermeiras, prazer, sou o Alex. Eu peguei o Jeremy, você pegou a Nazista né. – Alex Karev
  - Pode não ser pneumonia, pode ser comprometimento do diafragma ou embolia pulmonar – Meredith Grey
  - Eu detesto enfermeiras – Alex Karev
  - Como é que é? Me chamou de enfermeira? – Meredith Grey

- Se a carapuça serviu – Alex Karev

“De novo Katie” – Meredith Grey

---

- Ela tem namorado? – Alex Karev

- Eu não sei – George O’malley

- (assobio) lindona ein – Alex Karev

- Sou amigo dela, assim, sou mais para conhecido, não sou amigo do peito, isto não. Mas sou meio chegado, a gente conversa, aliás a gente começou a se falar hoje – George O’malley

- Tá chega, para de falar – Alex Karev

---

**Mer percebe que o bip de Katie desta vez era sério**

- Ela está com convulsões recorrentes, como quer proceder, Dr. Grey, está me ouvindo? Ela tomou diazepam e 2mg de lorazepam, eu acabei de dar a segunda dose. Dr.Grey, precisa nos dizer o que vai fazer, Dr. Grey... - Enfermeiro

- Então ela já está com lorazepam? – Meredith Grey

- Já tomou 4mg - Enfermeiro

- Chamaram a dra. Bailey e o dr. Shepherd? – Meredith Grey

- Lorazepam não funcionou - Enfermeiro

- Fenobarbital, aplica fenobarbital – Meredith Grey

- Está no soro - Enfermeira

- Sem melhoras - Enfermeiro

- Chamaram o dr. Shepherd? – Meredith Grey

- Eu disse que sim - Enfermeira

- Então chama de novo, anda. – Meredith Grey

- O que quer fazer, Dra precisa nos dizer o que quer fazer. O coração está parando. Parada Cardíaca - Enfermeiro

- Parada cardíaca, parada cardíaca, desfibrilador - Enfermeira

- Carrega em 200 – Meredith Grey
- Pronto - Enfermeiro
- Afasta – Meredith Grey
- Ainda fibrila - Enfermeiro
- Carregando 19 segundos - Enfermeira
- Vai para 300 – Meredith Grey
- 300, reagiu? 27 segundos - Enfermeira
- 360 anda, agora, reage Kate – Meredith Grey
- 49 segundos - Enfermeira
- Aos 60 segundos tem que entrar com outro remédio - Enfermeiro
- Carrega, carrega de novo – Meredith Grey
- Tem ritmo cardíaco - Enfermeira
- A pressão voltou a subir - Enfermeira
- Beleza – Meredith Grey
- Pressão normalizando, ritmo voltando - Enfermeira
- Que que foi – Derek Shepherd
- Ela entrou em convulsão e teve uma parada cardíaca – Meredith Grey
- Está monitorando ela – Derek Shepherd
- Eu verifiquei e ela... – Meredith Grey
- Deixa ela comigo, sai daqui..... alguém me passa o.. o prontuário por favor – Derek Shepherd
- Se tem uma emergência você me chama imediatamente, não nos 5 minutos que leva pra chegar à emergência, imediatamente. Você é da minha equipe se alguém morrer quem se dá mal sou eu, ouviu bem Grey? – Miranda Bailey

**Meredith vai para fora do hospital vomitar**

- Se você contar para alguém – Meredith para Cristina

---

- Você disse que era uma crise convulsiva e agora está dizendo que não é? - Pais da Katie

- Eu estou dizendo que não sei – Derek Shepherd

- E o que acha que pode ser? - Pais da Katie

- Eu não sei – Derek Shepherd

- E quando vai saber - Pais da Katie

- Eu não tenho resposta para isto por enquanto... olha, a Katie está estável... – Derek Shepherd

- Espera aí, nós viemos aqui porque este hospital tem a reputação de ser o melhor de Washington. É minha filha lá dentro, minha filha, e o senhor tem a audácia de vir aqui e me dizer “eu não sei”? - Pais da Katie

- Senhor Bryce... – Derek Shepherd

- Não, eu quero outro médico, um médico que saiba o que está fazendo, me arruma outro médico, algum melhor que você - Pais da Katie

- Senhor Bryce eu garanto que estou me empenhando no caso da Kate – Derek Shepherd

- Não está não, se estivesse seria capaz de me dar algumas respostas. - Pais da Katie

---

- Uso a extracorpórea para fazer o papel do seu coração. Fazemos a cirurgia, seu coração volta ao normal e pronto, procedimento simples. – Preston Burke

- Não preciso me preocupar? - Paciente

- Eu sou muito bom no que eu faço, mas é uma cirurgia e existem riscos. Nos vemos na sala de cirurgia Seu Sevent. Tchau – Preston Burke

- Não vai me deixar sozinho com aquele cara vai? - Paciente

- Eu vou estar no lado de fora da sala o tempo todo. O Dr. Burke é muito bom, relaxa, vejo o senhor depois. – George O’malley

- Ele vai ficar bom, não é? – Esposa do paciente

- O Tonny vai ficar ótimo. Olha, não tem com o que se preocupar, garanto .. eu já vou indo. – George O’malley

---

- O que você está fazendo? – Meredith Grey
  - Suturando uma banana na vã esperança de acordar meu cérebro – Cristina Yang
  - Hahahahaha – George O'malley
  - Tá rindo do que 007? Desculpa eu viro bruxa quando estou cansada – Cristina Yang
  - Quer saber, eu não tô nem aí, eu confortei uma família e entrei na sala de cirurgia hoje, tô numa boa... – George O'malley
  - Alguém sabe porque estamos aqui? – Cristina Yang
  - Bom dia. Vou fazer uma coisa rara para um cirurgião, vou pedir ajuda aos internos. Tem uma garota, Katie Bryce, até agora um mistério, não responde à medicação, os exames não indicam nada, tomografias normais, mas ela entra em convulsão, crises convulsivas sem uma razão definida. É uma bomba relógio. E ela vai morrer se eu não fizer o diagnóstico, é aí que vocês entram. Sozinho eu não consigo, preciso de mais cérebros, mais olhos, quero que banquem os detetives, quero que descubram o porquê da Katie entrar em convulsão. Sei que estão cansados, são ocupados, tem mais trabalho do que podem dar conta, eu compreendo então vou lhes dar um incentivo por isto, quem descobrir a resposta ganha um prêmio: se a Katie precisar de cirurgia este alguém vai fazer o que nenhum interno pode, se lavar e entrar em um procedimento avançado. A Dra. Bailey vai passar o prontuário da Katie, o tempo está correndo em gente. Se vamos salvar a Kate, temos que ser rápidos. – Derek Shepherd
- 

- Você me chamou? – Alex Karev
  - Chamei, a do 4B ainda está com dispneia - Enfermeira
  - Dá um tempo para o antibiótico agir. – Alex Karev
  - O antibiótico já devia ter agido. - Enfermeira
  - Ela é velha, está jurássica, tem sorte de ainda respirar. Eu tenho uma chance de participar de uma cirurgia lá embaixo com uma paciente que não estava viva na Guerra Civil. Não me chame outra vez. – Alex Karev
- 

- Oi, quero entrar na cirurgia do Sheperd, você é a médica da Katie desde o começo, vamos trabalhar juntas? Se acharmos a resposta nós duas temos chance – Cristina Yang
- Eu trabalho com você, mas não quero assistir a cirurgia. Entra você

- Tá brincado é a maior oportunidade que uma interna pode ter – Cristina Yang
- Eu não quero passar mais tempo com ele do que o necessário – Meredith Grey
- O que você tem contra o Sheperd? – Cristina Yang
- Se nós descobirmos a cirurgia é sua, quer trabalhar comigo ou não quer? – Meredith Grey
- Beleza. --- Ela não tem hipóxia, insuficiência renal crônica, nem acidose, não é tumor, porque a tomografia está normal. Você jura que não vai me contar porque não quer trabalhar com o Sheperd? – Cristina Yang
- Não. Já pensou em infecção? – Meredith Grey
- Não, a cera branca está normal, nenhuma lesão no cérebro e nem febre. Conta logo. – Cristina Yang
- Você não pode contar, ficar de boquiaberta, ter reação nenhuma. A gente transou. – Meredith Grey
- E se for aneurisma? – Cristina Yang
- Não tem sangue na tomografia e nem dor de cabeça – Meredith Grey
- Não há uso de drogas, nem gravidez, nem trauma... ele tem pegada? Parece que ele tem pegada, valeu pra você? – Cristina Yang
- Opções esgotadas. E se ninguém descobrir nada? – Meredith Grey
- Está falando dela morrer? – Cristina Yang
- É – Meredith Grey
- Pode parecer egoísmo, mas eu queria muito esta cirurgia – Cristina Yang
- Ela nunca vai se realizar como pessoa, o máximo que ela vai conseguir na vida vai ser Miss adolescente sei lá o que. Sabe qual é a prova de talento do concurso? – Meredith Grey
- Tem que ter talento? – Cristina Yang
- Ginástica artística – Meredith Grey
- hahahaaha que ridículo – Cristina Yang



- Quem faz ginástica artística? Eu não conheço ninguém, aliás nem sei direito o que é – Meredith Grey
- Acho que é um exercício com uma bola... o que foi? Meredith o que foi? – Cristina Yang
- Levanta, vem comigo – Meredith Grey
- A única coisa que ela pode precisar é de um angiograma ... Dr. Sheperd, tem um minutinho? A Katie participa de concurso de beleza – Cristina Yang
- Eu sei, mas temos que salvar a vida dela – Derek Shepherd
- Sei, não tem dor de cabeça, nem dor no pescoço, tomografia normal e não há prova médica de um aneurisma – Cristina Yang
- Exato – Derek Shepherd
- Mas e se ela tiver um aneurisma mesmo – Cristina Yang
- Não há indícios – Derek Shepherd
- É mas torceu o tornozelo duas semanas atrás enquanto treinava para o concurso – Cristina Yang
- Agradeço a tentativa de ajuda, mas não ajudou em nada – Derek Shepherd
- Ela caiu, quando torceu o tornozelo, ela caiu – Meredith Grey
- Não foi nada demais, não ficou nem um galo na cabeça, ela se levantou, tacou gelo e continuou normal, foi uma quedinha à toa, o médico nem pensou em mencionar quando peguei o histórico dela, mas o fato é: ela caiu – Cristina Yang
- Sabe quais as chances de uma quedinha desenvolver um aneurisma? 1 em 1 milhão, literalmente – Derek Shepherd

#### Porta do elevador fecha, porta abre

- Vamos lá! Descobrir de a Katie é 1 em 1 milhão .... quem diria - ele está ali – Derek Shepherd
- É mínimo mas está ali, hemorragia subaracnóidea, há uma hemorragia no cérebro. .... Ela podia ter passado a vida inteira sem ter nenhum problema, mas uma pancadinha no lugar certo estouraria. Mas eu vou dar um jeito nisso, vocês duas foram geniais hein, adoraria ficar para

bajular vocês, mas tenho que informar os pais da Katie que ela vai operar. Prontuário de Kate.

– Derek Shepherd

- Aqui está - Secretária

- Dr. Sheperd o senhor disse que usaria alguém na cirurgia se ajudássemos – Cristina Yang

- Tem razão, mas eu não posso levar as duas, a sala já vai estar cheia. Meredith você me ajuda

– Derek Shepherd

**Cristina encara Meredith esperando sua recusa, mas não acontece**

- Cristina – Meredith Grey

**George espera enquanto Burke opera o paciente**

- Ih este foi rápido – George O'malley

- O coração tinha muitos danos para tirar da máquina, este eu perdi, acontece, raramente, mas acontece, é a pior parte de tudo – Preston Burke

- Mas, eu garanti à Glória, a esposa dele, que ele iria ficar bom, eu prometi a ela – George O'malley

- Você o que? – Preston Burke

- Eles têm 4 filhos... – George O'malley

- Como que você promete alguma coisa? Este caso era meu. Você me ouviu prometer? O único que mantém uma promessa dessas é Deus e eu não vejo ele de bisturi há muito tempo. Nunca prometa à família de um paciente um bom resultado – Preston Burke

- Mas eu... – George O'malley

- Já que foi tão competente em fazer promessas à senhora Servitch, conte à ela que ela se tornou viúva – Preston Burke

---

**Cristina e Izzie**

- Izzie – Cristina Yang

- Será que a Meredith não tem... – Izzie Stevens

- Izzie – Cristina Yang

- Eu falo pra ele que mudei de ideia, vai... – Meredith Grey
  - Por favor vai parando, não quero favor seu, eu tô bem – Cristina Yang
  - Cristina – Meredith Grey
  - Dá licença, você foi mesquinha, você está querendo que eu te desculpe, mas você me traiu, traíra – Cristina Yang
  - Eu não... – Meredith Grey
  - Traiu sim, só que isto te faz ficar mal consigo mesma. Quer saber? Dane-se, eu não sou escolhida para cirurgias porque dormi com meu chefe nem fiz medicina porque tenho mãe famosa, tem gente que precisa ralar para ganhar – Cristina Yang
- 

#### George vai contar à esposa do falecido

- Glória, houve complicações na cirurgia. O coração do Tony estava muito ruim, nós tentamos tirar ele da máquina, mas... não houve nada que nós pudéssemos fazer – George O'malley
  - Mas que história é esta? - Esposa
  - Ele.. O Tony morreu, está morto.. Glória, eu sinto muito... – George O'malley
  - Obrigada .... Por favor, vá embora - Esposa
- 

#### 40 horas

- Eu prometi que iria fazer um visual descolado, parece que ser uma rainha careca da beleza foi a pior coisa que já rolou na história do mundo – Derek Shepherd
  - Você me escolheu para a cirurgia porque eu transei com você? – Meredith Grey
  - Claro. Brincadeira – Derek Shepherd
  - Eu não vou me preparar para a cirurgia, devia ter escolhido a Cristina, ela queria muito ir – Meredith Grey
  - Você é médica da Kate. E no seu primeiro dia, com pouco treinamento ajudou a salvar a vida dela. Você ganhou o direito de acompanhar o caso dela até o fim. Você não devia deixar a nossa transa atrapalhar um prêmio merecido. – Derek Shepherd
- 

#### Meredith e George sentados da janela do hospital

- Porque eu não fui ser cheff, ou instrutora de esqui? Ou professora de jardim de infância? – Meredith Grey

- Tá aí, eu teria sido um bom funcionário dos correios, eu sou de confiança. Meus pais falam para todo mundo que conhecem que o filho é cirurgião, como se isto fosse uma grande conquista. Eles me fazem parecer um super-herói. Se eles pudessem me ver agora... – George O'malley

- Quando falei para minha mãe que eu queria fazer medicina, ela tentou me desmotivar, disse que eu não teria peito para ser cirurgiã, que eu não conseguiria me formar, então acho que ser considerado um super-herói é tudo de bom. – Meredith Grey

- Vamos passar por mais esta, não é? – George O'malley

---

### Paciente do Alex

- Ainda com dispneia, fez uma gasometria arterial, um raio x de tórax? – Richard Webber

- Fiz sim senhor –Alex Karev

- E o que achou? – Richard Webber

- Bom.. é que eu tive muitos pacientes noite passada e... –Alex Karev

- Dê causas frequentes para febres pós operatória – Richard Webber

- Aahn, sim...eu –Alex Karev

- De cabeça não de um livro, não pesquise, já sabe, devia estar na sua cabeça – Richard Webber

- Dê causas frequentes para febre pós operatória – Richard Webber

- As causas frequentes... ahn –Alex Karev

- ALGUÉM SABE DIZER AS CAUSAS FREQUENTES PARA FEBRES PÓS OPERATÓRIA? – Richard Webber

- Pulmonar, infecção urinária, infecções em geral, imobilidade ou anestesia. A mais comum é a pulmonar, derrame pleural ou pneumonia. Pneumonia é a primeira hipótese ainda mais quando se está ocupado para fazer exames – Meredith Grey

- Qual o problema do 4B? – Richard Webber

- A quarta causa, imobilidade, acho que é ótima candidata para embolia pulmonar – Meredith Grey
  - E o tratamento? – Richard Webber
  - Tomografia, angiotomografia de tórax com suporte ventricular ventilatório heparilizado e filtro para a veia cava inferior – Meredith Grey
  - Faça exatamente o que ela disse e depois diga a seu residente que você está fora do caso – Richard Webber
  - Reconheceria você em qualquer lugar, igual a sua mãe. Bem-vinda ao jogo – Richard Webber
- 

### Cirurgia da Kate

- Maravilha gente, está uma bela noite para se salvar vida, vamos nos divertir – Derek Shepherd
- Eu não consigo pensar em uma razão para querer ser cirurgiã, mas consigo pensar em mil razões para desistir. Eles dificultam de propósito, são vidas que estão em nossas mãos. Tem momentos que não têm nada a ver com o jogo, aí você dá o passo certo, ou vira as costas e vai embora. Eu devia desistir, só tem um porém, eu adoro a arena do jogo! – Meredith Grey
- Boa cirurgia – Cristina Yang
- É – Meredith Grey
- A gente não tem que passar por aquele papo de eu dizer uma parada e você dizer outra, aí então alguém chora, a gente se abraça e.. – Cristina Yang
- É – Meredith Grey
- Ótimo. Não quer ir dormir? Você está péssima. – Cristina Yang
- Estou melhor que você – Meredith Grey
- Isto é impossível – Cristina Yang
- Foi incrível, a gente treina em cadáveres, observa, ai pensa que sabe como vai ser quando estiver operando, mas ... que adrenalina, não sei porque as pessoas precisam se drogar! – Meredith Grey

- É – Derek Shepherd
  - É – Meredith Grey
  - Tenho que.. trabalhar – Derek Shepherd
  - Vai nessa – Meredith Grey
  - A gente se vê – Derek Shepherd
  - Até mais, valeu ein – Meredith Grey
- 

#### Meredith falando com sua mãe

- Então, sobrevivi ao meu primeiro plantão. Todos nós sobrevivemos. Os outros internos são gente boa você ia gostar deles, eu acho, a sei lá, talvez. Eu gosto. Ah olha só, eu mudei de ideia, não vou mais vender a casa, vou ficar com ela, só preciso de alguns amigos para rachar as despesas, mas vai ser um lar né. – Meredith Grey
- Você é a médica? – Ellis Grey
- Não, eu não sou a sua médica, mas eu sou médica. – Meredith Grey
- Qual é o seu nome? – Ellis Grey
- Sou eu mãe, Meredith – Meredith Grey
- Entendo. Acho que já fui médica – Ellis Grey
- Você foi médica mãe, foi cirurgiã – Meredith Grey